



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARIA DE FÁTIMA ASSIS BESERRA

**UMA TRAJETÓRIA DE PODER: CHICO ARISTIDES E A POLÍTICA EM LAVRAS
DA MANGABEIRA-CE (1970-2004)**

**CAJAZEIRAS - PB
2020**

MARIA DE FÁTIMA ASSIS BESERRA

**UMA TRAJETÓRIA DE PODER: CHICO ARISTIDES E A POLÍTICA EM LAVRAS
DA MANGABEIRA-CE (1970-2004)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Silvana Vieira De Sousa

**CAJAZEIRAS – PB
2020**

MARIA DE FÁTIMA ASSIS BESERRA

**UMA TRAJETÓRIA DE PODER: CHICO ARISTIDES E A POLÍTICA EM LAVRAS
DA MANGABEIRA-CE (1970-2004)**

Aprovada em: ____/____/2020

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Silvana Vieira De Sousa
Orientadora

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Examinador

Prof.^a Dra. Roselene Dias Montenegro
Examinadora

Prof. Ms. Francinaldo de Souza Bandeira
Examinador (suplente)

A vovô Vicente (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

A Deus senhor de todas as coisas, pela sua divina providência e por sua bondade infinita. Obrigado pela força nos momentos de dor e por me fazer acreditar em minhas capacidades. Glorificado seja pela vida de cada pessoa de luz que tive a oportunidade de conhecer durante o curso. A Nossa Senhora pela proteção e intercessão, livrando-me de todo mal durante estes anos de viagem do Ceará para a Paraíba.

Agradeço a minha família por serem meu apoio, refúgio e por me incentivarem a continuar. A minha mãe, Dalvina, pelos conselhos, pela companhia nas noites em claro e pelo amor que vencia todo cansaço. Ao meu pai, José, por ser meu companheiro de pesquisa e de estrada, obrigado por toda ajuda, por não reclamar e por acreditar sempre nos meus sonhos. As minhas irmãs: Cristina, Aparecida e Karolina, por me alegrarem, pelas conversas, obrigado por me ouvirem sempre e por serem as melhores amigas que poderia ter. Ao meu sobrinho, João Pedro, por me fazer rir e por ser a inocência que o meu mundo precisa.

Agradeço a Universidade Federal de Campina Grande e ao curso de História, por me fazerem crescer e entender o mundo e as pessoas. Agradeço aos professores do Centro de Formação de Professores. Em especial a minha orientadora Silvana Vieira, por ser paciente e compreensiva, me incentivando a não desistir.

Agradeço a minha turma “2013.1”, amávamos nos odiar, obrigado por me ensinarem a ser tolerante e por compartilhar momentos alegres que serão sempre lembrados com carinho. Alane, Ana Paula, Cláudia, Galdino, Ronys, Pedro Felipe e Suzy, vocês foram luz nos meus dias e que essa luz ilumine vocês onde estiverem. Aos colegas de curso, obrigado por tentarem me ensinar jogar baralho e por serem companheiros nas jornadas diárias.

Minha gratidão a Selmira Maria Beserra, por compreender minha jornada e por torcer pelo meu sucesso. As “Franciscas”, Sônia e Nena por serem literalmente meus pés e minhas mãos. Nena, não sei o que seria dos dias cansados sem você. A Sonalia pela ajuda diária e por ouvir minhas lamentações. A todas minhas companheiras de trabalho, mulheres de poder que fazem a Educação acontecer naquela creche. Vandinha, obrigado pelas caronas.

Agradeço a Karina, Ana Carla, Nathalia e Carol, por me acolherem em seu lar. Vocês foram de suma importância para esta conquista. Quero agradecer a todas as pessoas que me deram teto em Cajazeiras e carona, cheguei nesta cidade sem conhecer ninguém e nunca me faltou hospedagem, ou transporte. Terra de gente acolhedora, onde brota gentileza de todos os cantos, obrigado por me fazerem sentir em casa.

Obrigado a minha comadre Ana Maria, por me ouvir e por realizar o meu sonho de ter uma amiga historiadora. Aos meus amigos da canção nova: Erika, Elizangela, Bia e Lucas, por serem a risada que eu precisava e a lembrança boa que quero guardar.

Agradeço a minha psicóloga Roberta Ferreira. Obrigado por encontrar a ponta do novelo de lã, a ética impede de sermos amigas, mas não me impede de te agradecer.

Enfim, gratidão a todos os professores da minha vida, esse diploma é de vocês.

RESUMO

Esta pesquisa pretende analisar a História e a trajetória de poder de Francisco Aristides Ferreira, na política de Lavras da Mangabeira-ce, suas escolhas enquanto indivíduo e escolhas políticas que o fizeram prefeito na cidade por três vezes. Analisamos os acontecimentos políticos na cidade durante o período de 1970 a 2004, para entendermos melhor o contexto histórico da carreira política do líder lavrense. Para efetivação da pesquisa trabalharemos com documentos ditos oficiais do TRE-CE, jingles de campanha e livros da historiografia lavrense que abordam o recorte mencionado. Com base nas fontes acima referidas queremos entender como Francisco Aristides pôde ser sacralizado pela política, conseguindo manter-se no poder por quase duas décadas, em conjunturas políticas nacionais e locais distintas, além da apropriação de vacância de sua herança política após sua morte. Propõe-se uma análise dos acontecimentos políticos na década de 1970, que impulsionaram uma nova conjuntura na política lavrense, estabelecendo novas relações de poder e formando novos grupos de domínio político. A partir de um diálogo com a chamada Nova História Política, consideramos o tempo de longa duração como essencial para entendermos as relações de poder e suas transformações em cada momento histórico aqui estudado.

Palavras-chave: cultura política; Francisco Aristides Ferreira; Lavras da Mangabeira. Política. Poder.

ABSTRACT

This research intends to analyze the History and the trajectory of power of Francisco Aristides Ferreira, in the policy of Lavras da Mangabeira-ce, his choices as an individual and political choices that made him mayor in the city three times. We analyzed the political events in the city during the period from 1970 to 2004, to better understand the historical context of the political career of the Lavrense leader. To carry out the research, we will work with so-called official TRE-CE documents, campaign jingles and Lavrense historiography books that address the aforementioned section. Based on the aforementioned sources, we want to understand how Francisco Aristides could be sacralized by politics, managing to remain in power for almost two decades, in different national and local political situations, in addition to the appropriation of vacancy in his political heritage after his death. An analysis of the political events in the 1970s is proposed, which boosted a new conjuncture in Lavrense politics, establishing new power relations and forming new groups of political domain. Based on a dialogue with the so-called New Political History, we consider long-term time as essential to understand power relations and their transformations in each historical moment studied here.

Keywords: political culture. Francisco Aristides Ferreira. Lavras da Mangabeira. Politics. Power.

LISTA DE SIGLAS/ABREVIATURAS

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

PCDOB – Partido Comunista do Brasil

PDS – Partido Democrático Social

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PHS – Partido Humanista da Solidariedade

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PMN – Partido da Mobilização Nacional

PPS – Partido Popular Socialista

PSD – Partido Social Democrático

PSDC – Partido Social Democrata Cristão

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

TRE – Tribunal Regional Eleitor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – A CRONOLOGIA DA HISTÓRIA POLÍTICA: O SURGIMENTO DE NOVOS DIÁLOGOS NO CAMPO DA HISTÓRIA.....	15
1.1 OS CENÁRIOS DA HISTÓRIA: FINAIS, COMEÇOS E MEMÓRIA.....	17
1.2 PODER E SOCIEDADE: A POLÍTICA NO BRASIL, NO CEARÁ E EM LAVRAS DA MANGABEIRA, DURANTE A DITADURA MILITAR.....	19
1.3 O COSMO POLITICO LAVRENSE: A VELHA POLÍTICA E OS NOVOS ARRANJOS DA POLITICA EM LAVRAS DA MANGABEIRA	22
1.4 O NOVO POLITICO: REPRESENTATIVIDADE E CONVENCIMENTO SOCIAL (1976-1982).....	24
CAPITULO 2 – A VIDA E AS ESCOLHAS DE FRANCISCO ARISTIDES DE HOMEM COMUM A POLITICO DE LAVRAS DE MANGABEIRA – CE	30
2.1 O PODER QUE O POLITICO TEM: O POLITICO, O NÃO POLITICO E O PODER .	31
2.2 A VIDA E AS ESCOLHAS DE UM HOMEM: MEMÓRIAS DE UMA VIDA POLITICA	33
CAPITULO 3 – FRANCISCO ARISTIDES UMA MEMÓRIA VIVA: O QUE SACRALIZA O POLÍTICO E RESSUSCITA SUA MEMÓRIA?	42
3.1 2004: O FIM DE UMA CARREIRA POLÍTICA.....	42
3.2 O DESTINO DE UMA HERANÇA POLÍTICA.....	49
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende estudar a política em Lavras da Mangabeira – CE, nos anos de 1970 a 2004, a partir da emergência de Francisco Aristides enquanto político e sua trajetória na disputa política da cidade. Para esse fim analisa a emergência de grupos políticos no início da década de 1970 e as mudanças na cultura política da cidade, visto que nesse período Francisco Aristides Ferreira entra para política municipal, no fim dos anos de 1970, e estabelece relações de poder a partir de uma dinâmica política social onde os interesses da população e do político convergem, dando vez a uma forma de troca de favores que permeava as relações de poder.

Este trabalho não pretende enfatizar heróis, narrar história de obras e feitos, mas entender como os líderes políticos, a exemplo da pessoa de Francisco Aristides Ferreira a partir de um momento de ruptura com a família Augusto no poder, articulou relações que trouxeram uma nova identidade a política local. Pensamos ainda o quanto este momento do passado influenciou na formação dos grupos políticos do presente.

Em um primeiro momento deste trabalho, intitulado: A cronologia da história política: o surgimento de novos Diálogos no campo da História; discutimos brevemente as novas perspectivas da história política, a partir de um diálogo com René Remond, Paulo Henrique Marques de Queiroz Guedes, Pierre Bourdieu e outros teóricos do campo da História. Tendo esses autores como referências para pensar o político, elaboramos uma análise dos acontecimentos posteriores 1970, momento em que a oligarquia dos Augusto's perde o protagonismo no paço municipal.

Fazemos também uma revisão da historiografia local tendo como objetivo entender o contexto da emergência de novos líderes nas eleições de 1970 e 1982. Entendendo as escolhas dos representantes de cada grupo em disputa e como Francisco Aristides Ferreira passa a ser uma liderança de um destes grupos, no fim dos anos de 1970. Questionamos, pois, as escolhas e os percursos que o fizeram preferido para representar um dos grupos políticos nas eleições de 1976. As articulações e as alianças após a derrota neste ano, que o levaram a prefeitura em 1982.

Questionamos os acontecimentos sociais que desencadearam as escolhas dos grupos políticos e de Francisco Aristides, cientes de que “cada momento da vida, todo indivíduo tem diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual faz escolhas no âmbito de um campo de possibilidades, esse, sim, historicamente determinado.” (SCHMIDT, 2012, p. 199),

desnaturalizando, assim, a ideia de vocação política, de predestinação nas quais são firmados alguns dos discursos políticos da atualidade.

Também se faz objetivo deste trabalho analisar como o período de 1970 a 2014 fazem-se importantes para compreender a formação dos grupos políticos lavrenses da atualidade e desnaturalizar os mitos populares, criados no entorno da pessoa de Francisco Aristides Ferreira. Consideramos que as principais lideranças políticas da contemporaneidade obtiveram ligação em algum momento de sua vida pública com líderes deste passado recente, principalmente com a pessoa de Francisco Aristides, nome muito presente na política atual.

Buscamos entender as relações de poder estabelecidas, as mudanças na cultura política ao longo do recorte de tempo deste trabalho, que vai de 1970 a 2004. Entendendo as mudanças na política nacional, o processo de redemocratização, os novos partidos e as relações de poder, que se reconfiguram para manter a harmonia social entre político e sociedade. Necessário a nós saber as estratégias usadas pelo Francisco, que se tornou Chico, que foi prefeito das Lavras e se reelegeu duas vezes, as reelaborações de um homem para manter-se no poder e como ele estrutura esta relação de tal forma que a sociedade, mesmo depois de sua morte, mantém uma relação de devoção, mantendo um legado de eleitores.

No segundo capítulo: A vida e as escolhas de Francisco Aristides de homem comum a político de Lavras da Mangabeira - CE, esta pesquisa quer abordar a trajetória de Francisco Aristides enquanto líder lavrense e a sua rede de trocas com seus eleitores; tentamos entender: como Francisco Aristides deixa de ser um homem comum, para se tornar representante da nova política em Lavras? Com que argumentos se apresenta aos lavrenses? Como estabelece relações de poder com seus eleitores? O novo momento da política local, quando a principal oligarquia perde forças na política e impulsiona o surgimento de líderes, como Francisco Aristides Ferreira, políticos que superam as mudanças na cena política e conseguem adequar suas relações de poder ao momento político.

Questionamos para esse fim os discursos, que assumem papel fundamental no processo de elaboração do político, capaz de construir uma relação de alteridade com o eleitor. É essencial para este trabalho entender por que Francisco Aristides passa a ser conhecido como Chico Aristides? Uma busca pela aproximação e, ao mesmo tempo, consagração do político, que semelhante aos apóstolos de Cristo muda de nome? O apelido que indica intimidade e aproximação? As relações de poder que se atualizam a cada nova conjuntura política?

No terceiro capítulo: uma memória viva: o que sacraliza o político e ressuscita sua memória? Analisamos os últimos dois mandatos de Francisco Aristides e o seu afastamento

da carreira política, quando da sua derrota na última campanha eleitoral no ano 2004, frente uma oposição com grande capital político. Uma tentativa frustrada de eleger um substituto, quando viu o fim de sua trajetória na política da cidade. A partir de um diálogo com Alcir Lenharo e Pierre Bourdieu e sua ideia de capital político. Analisamos o destino do capital político que o líder lavrense deixou e sua valorização após sua morte.

Ao elaborar uma temática de pesquisa pessoa e pesquisador se encontram, e o que antes era um anseio pessoal se torna uma necessidade científica; ao estudarmos nossas cidades, estudamos nossa História. Esta história muitas vezes escrita por quem detém o poder econômico e político, ou por pessoas destinadas por estes a fazer menção e notabilizar os seus nomes. Muitas das vezes sem nenhum grau de conhecimento histórico, essa história apresenta lacunas, o que nos faz perceber a importância dos trabalhos monográficos de estudantes da ciência histórica para construção de uma historiografia local, crítica, que pense os acontecimentos fora da ótica do interesse pessoal, ou econômico.

Esta temática de pesquisa nasce do anseio de conhecer. A escassez de trabalhos que problematizem o recorte proposto, que nos leva a indagações do presente que só o passado pode responder. O pouco acesso à história da cidade, devido à falta de trabalhos, uma biblioteca com prateleiras vazias, que limitam nosso conhecimento e deixa margem para elaboração de narrativas alheias a História. O desejo de conhecer e a preocupação em fazer conhecer nos trouxeram aqui. Conhecer a história de nossa cidade e assim conhecer nossa história.

Perdidos em meio às memórias e as narrativas populares, somos limitados em nosso saber quando falamos do período aqui estudado. É isso que motiva este trabalho, o enriquecimento intelectual pessoal e a ampliação das possibilidades de leitura e conhecimento da população, dos nossos futuros alunos.

A temática pensa um pequeno recorte da vida de um político e da cidade de Lavras da Mangabeira – CE, problematizando questões da história política recente. Diferente dos poucos livros de História da biblioteca municipal que heroicizam os Augusto's, elaboramos um trabalho que estude o passado para compreender os mecanismos da política do presente, marcada por um processo que teve início na década de 1970 e 1980, quando cada vez menos víamos o sobrenome oligárquico dos Augusto's nos cargos do legislativo municipal. Mesmo que não possamos responder a todas as questões que nos movimenta nesta pesquisa, deixar uma tentativa de interpretação dos acontecimentos, para que este trabalho seja o precursor de um acervo historiográfico da História local da cidade.

Diante disso, este estudo tem enquanto relevância acadêmica e social, o intuito de desmistificar os heróis da política, conhecer as representações sociais que mantêm íntimas relações com a ideologia e imaginário social, sobretudo contribuir para a historiografia local. Desta forma podemos entender o contexto histórico que os sujeitos tenham vivenciado e assim, analisando memórias e esquecimento, podemos interpretar melhor os acontecimentos do passado e perceber suas marcas no presente.

Para nós, não é importante saber apenas os nomes e as obras públicas realizadas durante as gestões municipais. O que queremos, de fato, é entender as trajetórias de grupos políticos, como surgiram às lideranças que definem o cenário eleitoral da atualidade. Compreender as lideranças e suas posturas dentro de um grupo político, os discursos que hoje são citados nas campanhas eleitorais. Como Bourdieu coloca, “se queremos compreender o que faz um político, é por certo buscar saber qual é sua base eleitoral, sua origem social”. (BOURDIEU, 2011, p. 199), a partir disto é que pensamos poder entender a trajetória de Francisco Aristides.

CAPÍTULO 1 – A CRONOLOGIA DA HISTÓRIA POLÍTICA: O SURGIMENTO DE NOVOS DIÁLOGOS NO CAMPO DA HISTÓRIA.

Este trabalho trata de política e, por assim dizer, trata da sociedade, dos cidadãos e de suas vivências. É, pois, um trabalho que se apropria dos rastros que o passado deixou nas memórias de uma sociedade em particular, para tentar entender a partir das transformações que o tempo traz como bem nos faz pensar um teórico ao dizer que: “se o político deve explicar-se antes de tudo pelo político, há também no político mais que o político” (REMOND, 2003, p. 36). Entendemos assim que a sociedade é permeada pela política, suas ideologias implícitas, ou explícitas e suas mutações. As mutações do campo político são diversas de acordo com cada grupo social, e no caso da sociedade lavrense, território de nosso estudo, podemos perceber que a queda do domínio do que apresentamos como oligarquia tradicional dos Augustos e a chegada ao poder de Francisco Aristides Ferreira, nosso objeto de estudo, está associada a uma sociedade mais exigente, que com a crise da seca começa a perceber suas necessidades e dependência dos grandes proprietários de terras, principalmente em relação aos reservatórios de água. Buscando então na administração pública: soluções para sanar suas necessidades e lhes dar independência diante dos donos de terras. Esse processo de percepção da sociedade enquanto agente social com poder de atuação, a partir de novos diálogos com os políticos têm início na década de 1970 e mais especificamente em seu final, mas que só se concretiza no início dos anos de 1980.

No que diz respeito ao campo teórico sabemos que o movimento dos *Annales* desde 1929, marcou um lugar de renovação contínua para o campo da História e de como a disciplina passou a problematizar os mais diversos campos da sociedade. Deixando para trás a história dita tradicional voltada para a narração dos fatos e feitos dos ilustres que comandaram a política e a economia. No entanto, os *Annales* como movimento que repensou a História, não foram os únicos em contraponto aos tradicionalistas. Nos Estados Unidos, surgiu a nova história estadunidense, que também colocava em xeque o paradigma tradicional. Uma parte destas críticas envolvia a história política, que se baseia nos documentos ditos oficiais e narrativas da vida dos grandes homens, em decorrência a história política foi renegada sendo associada à história tradicional.

Foi só recentemente que a história voltou sua observância para os acontecimentos políticos, quando percebeu que a história política precisava ser renovada ao lado das novas tendências historiográficas, ao invés de renegada. Como apontou Paulo Henrique Marques de Queiroz Guedes:

Grosso modo, pode-se dividir a história política em três períodos principais, primeiro, a fase anterior ao advento da Escola dos Anales, caracterizada por uma história episódica e narrativa. Depois, compreendido entre 1929 e a década de 1970, em que a história política perdeu prestígio na proporção inversa em que se cristalizava e difundia a proposta de renovação historiográfica dos anales, pautada numa história socioeconômica. Por fim, a fase posterior à década de 1970, caracterizada pelo processo de renovação da história política. (GUEDES, 2012, p. 28)

A história política foi renovada em consequência ao contato da história com outras ciências sociais; principalmente a antropologia que voltou a dialogar com a história. “Esse diálogo sempre foi difícil de ser realizado em razão da oposição entre sincronia e diacronia, entre estrutural e o evento.” (GUEDES, 2012, p. 26). Estas novas perspectivas na história põe fim as associações feitas entre história política e o paradigma Rankeano. A nova história política com suas análises culturais e do poder político, puderam alcançar o patamar do profissionalismo, assim como a história social, econômica e cultural.

A nova fase dos estudos do campo político voltava-se para uma dimensão social dos acontecimentos políticos e suas transformações. Análises que visavam às relações de poder e como estas se estruturam dentro da sociedade. Surge, pois, um novo termo denominado “cultura política” que “pode ser definido como um instrumental que procura explicar o político pela cultura, com ênfase nos aspectos subjetivos da orientação política, em especial, as percepções e os sentimentos.” (GUEDES, 2012, p. 37). As normas e valores compartilhados no campo político, por atores sociais, em determinado espaço de tempo, engloba o que podemos chamar de cultura política.

Sendo assim, a partir da noção de cultura política o historiador pode analisar a subjetividade dos sujeitos sociais e entender os valores compartilhados. Nesta perspectiva pode ser destacado o pluralismo nas culturas políticas. O historiador então deixa de ter como objeto de estudo apenas as minorias elitizadas e passa a olhar para um conjunto de acontecimentos, percebendo o tempo de longa duração na mudança dos costumes e do comportamento, a fronteira da política com o campo social é rompida, e os dois objetos se encontram nas análises das “representações coletivas, ou sociais” (GUEDES, 2012, p. 41-42).

Neste trabalho partimos da perspectiva do que se convencionou chamar de nova história política, partindo da análise das relações sociais a partir de conceitos como os de “poder simbólico” e “cultura política”, para entender o contexto existente em Lavras da Mangabeira durante as administrações de Francisco Aristides Ferreira em seus três mandatos enquanto prefeito: nos anos de 1983 a 1988; e nos quadriênios: de 1996 a 2000, e de 2000 a

2004. Para tanto partimos do processo de afastamento da tradicional oligarquia da cidade, em 1970, quando se desenha um contexto de oposição ao grupo dos Augusto's. E buscamos entender como nas eleições de 1976, Francisco Aristides inicia formalmente sua carreira política, ao candidatar-se ao cargo de prefeito, para que assim em diálogo com os teóricos da “nova história política” possamos entender as redes de poder informais do contexto.

1.1 OS CENÁRIOS DA HISTÓRIA: FINAIS, COMEÇOS E MEMÓRIA

Quando a política do Ceará ainda estava à mercê das mais tradicionais relações de clientelismo e do coronelismo como sistema político que vigorava no estado, no âmbito local de Lavras da Mangabeira, cidade do Centro sul cearense, a sociedade dava sinais de mudanças em sua cultura política. Com a emergência de novas lideranças que atuarão para romper com a política oligárquica na cidade.

Esse campo político em questionamento era demarcado por uma sociedade agrária, em que a maior parte da população vivendo na zona rural, dos quais muitos vivendo de favor, ou em relações de trabalho definidas pelos grandes proprietários, além dos pequenos proprietários de terra que dependiam dos reservatórios de água das grandes propriedades. Sendo assim, os donos de terras definiam para si as possibilidades de atuação no microcosmo da política. Assim, nestas circunstâncias um pequeno comerciante, ou agricultor, não gozava destas condições, dificultando seu acesso ao campo político, ou seja, neste momento na política da cidade os espaços de poder, eram dominados pelos grandes proprietários de terras.

Nas eleições de 1970, Wilson Sá (ARENA I) derrotou Gustavo Augusto Lima (ARENA II), a eleição do comerciante ficou conhecida por ser à primeira vez que Lavras possuía um grupo político em seu paço municipal, que governava sem a interferência da tradicional oligarquia. Vemos este momento como singular na história da cidade, indicando o início de um processo de mudança na cultura política local. Apesar de sua importância, as mudanças após as eleições de 1970 são pouco estudadas, limitando nosso conhecimento e instigando ainda mais a realização deste Trabalho. A produção historiográfica a respeito deste período é escassa, as fontes são poucas, limitando o pesquisador aos documentos ditos oficiais, o que exigiria um foco mais aproximado em outro estudo.

Sabemos que em meados da década de 1970, emergem novos grupos políticos, dando margem a um processo de mudança que pode esta relacionada com a política do moderno, defendida pelos jovens empresários que se estabeleceriam nos anos de 1980 no estado do Ceará.

Um tempo em que surgiram novos nomes, novas lideranças e novas lutas pelo poder. Este trabalho de pesquisa nos ajuda a entender e contar a história do processo através do qual estes nomes do passado influenciam os grupos políticos do presente e como os discursos do passado aparecem na cena política presente, buscando apoio popular em suas campanhas.

Este, por sua vez, é ditado pelo favorecimento individual e por questões sociais que afligem determinado grupo, estas questões se referem à assistência básica da população no que diz respeito à educação, saúde e acesso à água. As eleições na década de 70 e 80 seguem acompanhando mudanças de longo prazo na sociedade, as relações sociais dominam as estruturas e determinam os rumos de uma cultura política, quando a sociedade muda, a política sofre transformações estruturais, que decorrem em rupturas e continuidades no cenário político.

Quando consultamos a historiografia disponível a respeito da cidade de Lavras, verificamos que os lavrenses ilustres, como se refere Dimas Macêdo, autor do livro: “Lavrenses ilustres”, são apresentados em meio ao heroísmo e ao fanatismo político, sentimentos que são reforçados desde a presença e atuação de Fideralina Augusto Lima, no campo político do final do século XIX ao início do século XX¹, como “coronela” e senhora de terras, ganhou destaque por ser uma das únicas mulheres no contexto dos coronéis no sertão nordestino, alcançou fama e poder além das dependências do município. A maior parte das obras a seu respeito, foram escritas pelos seus descendentes, tendo como maior expoente a historiadora Rejane Monteiro Augusto Gonçalves e o escritor Dimas Macêdo.

Rejane Monteiro Augusto Gonçalves escreveu: “Gustavo Augusto Lima: 1917-2017”. A obra narra a história de Gustavo Augusto Lima, enfatizando a carreira como professor e fundador do: “Colégio Agrícola Professor Gustavo Augusto Lima”. Outra obra da autora: “Lavras da Mangabeira: um marco histórico” faz um levantamento das eleições lavrenses, tendo como fonte a documentação do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará e as atas de inauguração da câmara municipal lavrense, a autora narra cada eleição e as obras construídas durante os mandatos de cada candidato eleito. A história produzida por Gonçalves parece vir direto do século XIX, suas obras são quase que transcrições dos documentos, ditos oficiais. Mais do que narrar a história da cidade, ela narra a história de sua família, dando cada vez mais destaque aos Augustos e reforçando um discurso de heroísmo por parte destes políticos. A partir dessas fontes queremos entender o fim da era de poder instituída pela oligarquia

¹ PAIVA, Melquíades Pinto. Uma matriarca do Sertão: Fideralina Augusto Lima. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2008.

SÁ, Jussara de Fátima Germano. Entre a saia e o bacamarte: memórias de Fideralina Augusto Lima. 2016. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras-PB, 2016.

(Augusto), em Lavras da Mangabeira-Ce e o processo de formação de um novo cenário político, com novos nomes e estratégias.

Para tal feito buscamos a partir dos documentos do Tribunal Eleitoral do Ceará entender a formação dos grupos políticos que compunham o fenômeno eleitoral nas décadas de 1970 e 1980. São, pois, os acontecimentos deste período que vão desenhar os principais pilares da cultura política de Lavras da Mangabeira na qual vai atuar Francisco Aristides. O campo político como coloca Pierre Bourdieu (2011), configurado enquanto “microcosmo social” historicamente construído, mantém relações próximas com o cosmo social do não político, isto porque a política mantém um diálogo constante com a sociedade e o fenômeno eleitoral mantém o elo entre os microcosmos.

No recorte de espaço/tempo que aqui é problematizado, podemos constatar que as novas estratégias políticas só passam a funcionar, após a aproximação do microcosmo político, com outros microcosmos sociais. Surgem na sociedade ao lado dos donos de terras, outros grupos compostos por empresários e comerciantes da sociedade de modo geral, de modo a estabelecer legados de poder.

1.2 PODER E SOCIEDADE: A POLÍTICA NO BRASIL, NO CEARÁ E EM LAVRAS DA MANGABEIRA, DURANTE A DITADURA MILITAR

Os anos iniciais da década de 1970 foram de grande reviravolta no mundo da política nacional brasileira com o governo ditatorial instaurado a partir do golpe militar de 1964, promovendo por um lado, uma intensa perseguição política aos seus opositores e por outro investindo em uma forte campanha de propaganda de um tempo de bem-estar e desenvolvimento social. No plano local foram anos de mudança para pequena cidade cearense, todavia, a cena nacional, pouco influenciou os acontecimentos políticos da cidade. As mudanças que aconteciam em Lavras estavam ligadas as transformações políticas no estado do Ceará, que enfrentava a cultura de uma política oligárquica tradicional dominada desde o início da década de 1960, pelos três coronéis: Virgílio Távora, Aduino Bezerra e César Cals. (BARREIRA, 1996, p. 32)

Enquanto isso, a pequena cidade do Centro sul cearense, deixa de ter a política marcada pela oligarquia dos Augustos que alternava seus membros no poder, desde o fim do século XVIII. Com uma busca simples na internet podemos encontrar um acervo de “blogs”²

² <http://familiaaugusto.blogspot.com.br/>
<http://familiaferrer.com.br/2016/12/21/federalina-augusto-lima-memoria-do-nordeste/>

com diversas narrativas da trajetória de poder dos Augusto's. A maioria destes endereços eletrônicos partem da trajetória de Fideralina Augusto Lima, tida pela historiografia local como matriarca da família Augusto. Uma exceção na política naquele momento da História, onde estabeleceu uma oligarquia em Lavras. Fideralina descendia do segundo capitão-mor da vila Lavras, por parte de seu avô paterno. Ela dominou terras, riquezas e o tráfico de escravos, como herdeira de João Carlos Augusto, seu pai. Desde então a família Augusto cuidou em manter um de seus membros no poder.

Após a famosa Fideralina podemos destacar: Gustavo Augusto Lima, Francisco Augusto Correia Lima, Francisco Correia Lima, Raimundo Augusto Lima, João Augusto Lima, Padre Raimundo Augusto Bezerra, João Augusto Bezerra, Benedito Augusto Carvalho e muitos outros ligados a rede de poder estabelecida pela família. O domínio estabelecido pelos Augustos conseguiu ultrapassar crises políticas, com eleições diretas, ou indiretas, conseguiam manter-se na política local, pois, suas relações de poder ultrapassavam as fronteiras do Sul cearense.

Novos rumos da política em Lavras da Mangabeira surgem em um momento singular da história política do país, quando se inicia o processo de transição do regime militar para um regime democrático. Kinzo divide este período em três fases:

A primeira, de 1974 a 1982, é o período em que a dinâmica política da transição estava sob total controle dos militares, mais parecendo uma tentativa de reforma do regime do que os primeiros passos de uma transição democrática de fato. A segunda fase, de 1982 a 1985, é também caracterizada pelo domínio militar, mas outros atores – civis passam a ter um papel importante no processo político. Na terceira fase, de 1985 a 1989, os militares deixam de deter o papel principal (apesar de manterem algum poder de veto), sendo substituídos pelos políticos civis, havendo também a participação dos setores organizados da sociedade civil. (KINZO, 2001, p. 4-5).

Todavia as forças políticas lavrenses parecem não sofrer influência partidária vinda de um plano partidário da esfera estadual, ou nacional, neste momento em que tem início um processo de abertura política no Brasil. As restrições partidárias impostas pelo governo militar na decorrência do golpe militar de 1964 é um detalhe que marca os grupos políticos lavrenses. Em 1970, por exemplo, haviam apenas dois grupos políticos na cidade: ARENA I, liderado

pelos comerciantes e empresários, e o ARENA II liderado pelos Augusto's e proprietários de terra.

Em Lavras da Mangabeira no fim da década de 1970, podemos acompanhar um processo de transformação na cultura política local, um pouco diferente do que víamos na cena nacional, mas também com emergência de novas ideias e projetos. No âmbito nacional o Brasil começava a viver um processo gradual de abertura para o restabelecimento da democracia. A cidade interiorana do sertão brasileiro vivia uma fase de abertura a emergência de novos políticos, onde outros grupos tinham oportunidade de se expressar e de se inventar enquanto políticos, e as pessoas tinham oportunidade de escolher entre vários nomes o seu representante, a sucessão de Gustavo's e João's³ dava uma pausa.

Acontecia, pois, uma remodelação nos pactos políticos entre os donos de terras, que revelam a manifestação de novas forças políticas no estado, como coloca o autor:

Surgem da necessidade de se manter o status quo político e/ou derrotar forças políticas emergentes. Revelam, por um lado, uma demonstração de força, e por outro, o sintoma de algumas fissuras que já se anunciam na hegemonia do poder, apontando para outro rearranjo político. (BARREIRA, 1996, p. 33).

Os antecedentes de 1970 desenharam a política dos donos de terra em Lavras da Mangabeira, todavia a emergência de novas forças políticas na cidade pode ser caracterizada enquanto fissura no poder dos donos de terra do estado. Essa fissura torna-se mais evidente, sobretudo a partir das eleições nas décadas de 1970 e 1980, quando vemos sucessivas derrotas eleitorais dos membros da tradicional oligarquia lavrense, ou a eleição de Maria Luiza Fontenele⁴ (PT) a prefeita de Fortaleza, em 1985, derrotando o candidato dos coronéis. Os apontamentos são claros para um processo que tem início nas pequenas cidades e chega a capital do estado, bem como ao governo estadual quando se elege Tasso Jereissati (PMDB), em 1988, ao cargo de governador do estado, como representante das elites empresariais e símbolo da nova política cearense.

Neste caso ainda existem outros aspectos que poderiam impossibilitar o surgimento de novos políticos. O município está localizado no Ceará que tem uma história política marcada pelas características acima descritas, caracterizado como “um estado eminentemente oligárquico não poderia, provavelmente, ter outra trajetória política” (BARREIRA, 1996).

³ Descendentes da família Augusto, que carregavam os nomes dos patriarcas da oligarquia.

⁴ Fonte: BARREIRA, 1996.

Dificultando ainda mais o acesso ao microcosmo político, diante das relações de clientelismo estabelecidas.

1.3 O COSMO POLÍTICO LAVRENSE: A VELHA POLÍTICA E OS NOVOS ARRANJOS DA POLÍTICA EM LAVRAS DA MANGABEIRA

As discussões em torno da história política recente a despeito dos acontecimentos em Lavras da Mangabeira, em meados do século XX, apresentam um ponto de convergência, onde todos concordam que em 1970 “[...] pela primeira vez, os Augusto’s não conseguiram eleger o prefeito de Lavras.” (QUEIROZ; HOLLANDA, 1990). Foi o início do fim da oligarquia na cidade de Lavras da Mangabeira, haja visto que Gustavo Augusto Lima, candidato a prefeito no referido ano, não se elegeu, tornando-se prefeito naquele ano o comerciante Wilson Sá (ARENA I). Iniciou-se um processo de mudança na cena política local, onde comerciantes e pequenos empresários encontravam espaço para adentrar o campo político, articulando-se socialmente em busca de um lugar de poder. A não eleição do representante da oligarquia serviu como impulso na instauração de uma “nova ordem política”, que levaria alguns anos para se estabelecer e formar novos mecanismos de poder.

Terminado o mandato de Wilson Sá, no pleito eleitoral seguinte, em 1972, elege-se o candidato Vicente Pinto de Macêdo, membro do grupo político da ARENA II, o novo prefeito da cidade era comerciante, representante do grupo político liderado pela oligarquia local. A nova eleição evidencia que não existem rompimentos com a oligarquia local, o que acontecia é o que César Barreira, (1996, p. 33), chamou de fissura no poder oligárquico, o enfraquecimento de uma velha política, que busca, estratégias para continuar seu legado de poder. 1970 não rompe com a cultura oligárquica, mas faz com os oligárquicos revejam seus modos de fazer política.

A oligarquia, (Augusto), manteve o plano dos pactos políticos usados por seus aliados na esfera estadual, na tentativa de manter sua posteridade. Devemos considerar também a polarização dos grupos políticos da época, onde empresários, comerciantes e donos terras disputam espaço. Todos são possuidores das condições sociais que possibilitam o acesso ao microcosmo político, como já foi dito acima.

A escassez de fontes a respeito da sociedade da época limita nosso conhecimento, o que temos são os documentos do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Quanto ao posicionamento da população perante os novos arranjos políticos que indicam uma insatisfação da população, a documentação indica o número de abstenções superior ao número

de votos dos candidatos eleitos, quando Wilson Sá elegeu-se com 2,679 votos, em 1970, podemos perceber que o número de abstenções foi superior, teria então capacidade para eleger outro candidato, como podemos observar nos quadros abaixo,

Quadro 1 – Eleições municipais de 15 de novembro de 1970

SITUAÇÃO DO VOTO	VOTOS
Aptos	8.190
Votantes	5.379
Nulos	341
Branco	280
Abstenção	2.811

Fonte: TRE/CE

Quadro 2 – Eleições municipais de 15 de novembro de 1972

SITUAÇÃO DO VOTO	VOTOS
Aptos	9.996
Votantes	5.513
Nulos	95
Branco	84
Abstenção	4.483

Fonte: TRE/CE

A situação repetiu-se em 1972, quando Vicente Pinto De Macêdo se elegeu com 3,064, em comparação a 4,483 abstenções. O grande número de abstenções evidenciam relações de poder desgastadas pela submissão, onde as trocas, reciprocidades, que sustentam a crença de partilha de privilégios, não acontecem e causam uma série de insatisfações que impulsionam as reconfigurações na cena política. Além do mais a democracia é colocado em cheque, segundo Bourdieu (2011), quando os despossuídos economicamente e culturalmente são convidados a abster-se. Agora o voto era negado à população analfabeta, deixando de fora uma grande parte da população lavrense no fenômeno eleitoral.

Estas desigualdades políticas que também atingem Lavras parecem revelar, à primeira vista, que o homem pobre não tinha interesse em votar, se a condição social o impossibilitava, não parece haver esforço para efetivar seu direito democrático ficando quase que a metade da população sem a participação efetiva nos pleitos eleitorais. É importante que estas exclusões e desigualdades não sejam naturalizadas dentro e fora do campo político, afinal as abstenções falam muito mais que os votos válidos, comprados, negociados com os patrões. Assim as abstenções de um eleitor nos fala da sua revolta, da falta de esperança, das condições sociais que o impedem de irem aos colégios eleitorais, podem supor vários motivos, mas a única certeza que temos é que estes votos poderiam ter dado outros rumos aos acontecimentos.

Anulados os acordos políticos/sociais que mantêm a harmonia no microcosmo político, se fazem necessárias às reconfigurações, onde os limites do campo político são contornados pelo fato de nunca ser totalmente autônomo, já que depende da sociedade o julgamento daqueles que enveredam o microcosmo político. As relações desgastadas em Lavras da Mangabeira, no fim da década de 1970 impulsionam novas forças políticas, que seguem articulando-se na cidade e na esfera estadual, um movimento intenso contra as forças oligárquicas que tardiamente foram enfraquecidas no governo do estado.

1.4 O NOVO POLÍTICO: REPRESENTATIVIDADE E CONVENCIMENTO SOCIAL (1976-1982)

O fim da década de 1970 é marcado no Ceará por pactos políticos que tentam por fim as forças políticas emergentes. Na cidade de Lavras as novas forças políticas representadas pelos comerciantes de tecidos, donos de pequenos mercados e os donos das cooperativas de algodão, cresciam em autonomia. Percebiam que estamos falando de homens com capital financeiro que passam a influenciar o social, buscavam seus espaços, formando grupos políticos com interesses convergentes. Evidenciam, pois, o empenho dos novos políticos lavrenses que buscam alcançar o poder municipal.

As eleições de 1976 trazem o início da nova face da política, estes novos grupos políticos dissidentes do partido, ARENA. A nova eleição apresenta outra dissidência do partido, que antes dividido entre ARENA I e ARENA II, agora teria outra ramificação com legenda de ARENA III. Wilson Sá antes membro da ARENA I, liderava um grupo político denominado ARENA III, composto por comerciantes locais, apesar de ser liderada pelo ex-prefeito que derrotou a oligarquia em 70, a ARENA III não possuía forças, comparada às

outras duas legendas partidárias, sendo a ARENA I liderada pelos pequenos industriais da cidade e a ARENA II pelos donos de terra.

No pleito de 1976, Arena I apresenta João Ludgero Sobreira como candidato a prefeito, Arena II (grupo da oligarquia Augusto) traz Francisco Aristides Ferreira e no grupo ARENA III, Wilson Sá concorre à eleição. Em 1976 é eleito prefeito de Lavras da Mangabeira o empresário João Ludgero Sobreira (ARENA I). É a nova fase da política cearense, os jovens empresários que surgem com discursos de modernidade, crescimento e projetos culturais, esta nova maneira de fazer política foi fortemente combatida pelos grupos oligárquicos na esfera estadual, estes grupos foram à base para a formação da nova ordem política lavrense, são eles os que proferem o contorno para as disputas eleitorais até o tempo presente. A política moderna lavrense que traz o discurso assistencialista, encobrendo os benefícios aos amigos/eleitores.

Estas mudanças no campo político não devem ser vistas de forma isolada, é preciso considerar as mudanças sociais, principalmente nas relações tradicionais de lealdade e compromisso, essas vão perdendo cada vez mais espaço em todo estado do Ceará,

Assim, é possível dizer que as rupturas no poder local que se expressam através de um novo grupo político hegemônico são precedidas por mudanças nas relações de trabalho no campo e uma nova ordem econômica estadual e nacional. As primeiras ajudam a entender a quebra no sistema patrimonial nos laços pessoais que cedem lugar às relações impessoais e racionais; a segunda marca profundamente um novo pacto entre o poder econômico e o poder político, constituindo um novo paradigma de gestão no estado. (BARREIRA, 1996, p. 41)

Precedidas de mudanças locais nas pequenas cidades do interior cearense, onde se concentravam os curais eleitorais. Assim, O poder estadual só veio a se concretizar fora dos moldes oligárquicos em 1986. Com o fim da ditadura militar que reanimou e alimentou as forças oligárquicas como mecanismo de dominação, a elite dos coronéis perde sua força com os militares, enquanto o movimento que ficou conhecido como a nova política, que já havia se manifestado em alguns municípios, a exemplo de Lavras da Mangabeira, ganhou força no poder estadual. São as novas relações permeadas pelos laços pessoais e as forças racionais, onde a troca de favores é substituída pela troca de privilégios que o poder gera. Estamos diante de uma relação de domínio social, onde o não político, muitas vezes, não compreende a postura do político entendendo o político como bom, amigo e compadre. Como elenca Bourdieu (2011, p. 198): “dizer que há um campo político é lembrar que as pessoas que aí se

encontram podem dizer ou fazer coisas que são determinadas não pela relação direta com os eleitores, mas pela relação com os outros membros do campo.”.

O político passa por um processo de sacralização, segundo Parga, “o primeiro estágio da mitificação desses líderes é a identificação do povo com a liderança.” (GANDIN, 2010 apud PARÇA, 2006), a relação de alteridade supostamente exercida pelo político. Isto se aplica a Francisco Aristides e sua construção enquanto homem que saiu do povo, para lós representar. Segundo Gandin, “muito antes de se tornar um líder, a pessoa já se mitifica durante o período eleitoral, quando incorpora o papel de candidato.” (GANDIN, 2010, p. 12). O recorte temporal a partir 1976 perpassa o processo de sacralização, os meandros até as eleições de 1982, quando acontece o pleito. Tomamos este tempo como de grande importância para os grupos que se articulavam em função da formação do líder, que surge como estratégia da tradicional oligarquia, mas que toma autonomia ao longo do tempo entre as eleições de 1976 e 1982. As novas forças políticas colocaram então as forças oligarquias como responsáveis pela miséria e a falta de assistência básica, como afirma Barreira:

A principal bandeira dos empresários foi a promessa de acabar com os coronéis, apresentando-os como principais responsáveis pela condição de miséria do povo cearense. Os seus discursos eram dirigidos contra a miséria, o analfabetismo, e o atraso da economia. (BARREIRA, 1996, p. 47)

Em Lavras da Mangabeira não era diferente, no pleito eleitoral de 1982, foi eleito Francisco Aristides Ferreira, pela legenda PDS II, com características próprias, que não indicam uma continuidade da política oligarquia, mas que também não manifesta críticas às relações de cordialidade, pessoais, instituídas pelos coronéis, ao mesmo tempo, aparenta admiração ao jovem empresário Tasso Jereissati, que já manifestava suas ideias de mudança e modernidade para o estado do Ceará.

Em 1962 Carlos Jereissati, pai de Tasso Jereissati, foi eleito senador representando o estado do Ceará, pelo PDT. Desde então, junto à campanha do pai (Carlos Jereissati), Tasso Jereissati impulsionava jovens que adentravam o campo político, com seu discurso e suas ideias que inspiravam grupos políticos em todo estado. Francisco Aristides Ferreira parece ser um destes jovens, que se apropriavam dos discursos de modernidade e racionalização na tentativa de convencer o eleitorado, de que era a mudança que eles procuraram por toda década de 1970. Com um diferencial, Francisco Aristides não era empresário, não possuía formação acadêmica, no entanto, sabia discursar, dialogar com o pobre e com os companheiros de carreira.

Os focos contrários às oligarquias locais anunciavam o crescimento da nova política, defendida pelos jovens empresários que inflamavam discursos sobre modernidade e desenvolvimento no estado, reduzindo assim a miséria e a pobreza. Tasso Jereissati (PMDB) candidato ao governo do estado, em 1986, impulsionava sua campanha com o “slogan”: “O Brasil mudou. Mude o Ceará”, fazendo menção a recente redemocratização. Segundo Alexandre Barbalho: “o discurso da campanha, apresentado por Tasso estava pontuado por palavras tais como “modernidade” e “racionalização”, que sinalizavam uma “nova era”, caso fosse eleito”. (BARBALHO, 2007, p. 113).

O “slogan” usado por Francisco Aristides durante toda sua trajetória política, principalmente no início de sua vida pública, enfatiza a sua diferença em relação aos demais políticos. Colocando-se como: “um novo político”. Suas campanhas eram marcadas por panfletos que destacavam suas qualidades de: humilde, trabalhador, filho de agricultores, vindo do distrito de Mangabeira. Apesar de fazer parte do grupo de políticos que recebia apoio da oligarquia, (Augusto), Francisco Aristides não era associado à família que durante tanto tempo dominou a política local, pelo contrário, era visto como oposição dos donos de terra e os mantinha fora da administração, bem como de cargos públicos durante seu primeiro gerenciamento.

Antes de construir o que se costumou chamar na história de: uma memória de si, Francisco Aristides teve de convencer os Lavrenses de suas boas intenções com o município, isto é, com aqueles com quem havia construindo relações sociais permeadas por interesses mútuos, ao candidatar-se em 1982. Era importante para Francisco Aristides firma uma relação direta com o eleitorado, de forma que pudesse dialogar sobre os problemas e crises que a população enfrentava. A seca e a falta de escolas na zona rural do município parecem ser o que mais aparecia no discurso das pessoas. Ir ao encontro do eleitor, era a melhor maneira de se fazer política no início dos anos 80, afinal não existia uma organização da campanha eleitoral, tal como conhecemos hoje com suporte midiático, além disso, era benéfico no estabelecimento de relações de poder.

A população buscava uma nova alternativa de voto, de forma que pudesse encontrar apoio para superar a exploração e as dificuldades enfrentadas na decorrência da seca. Além da investida de Francisco Aristides, enquanto líder popular, as condições, sócio históricas pareciam compactuar na sua inserção na política lavrense, haja visto que seus adversários não conseguiram atender as demandas da população, que neste momento se resumiam ao básico: moradia, acesso ao ensino primário, acesso à água potável e a saúde.

No meio deste processo, nós temos a campanha eleitoral que segundo René Remond é:

Outro aspecto a ser incluído no inventário das direções de pesquisa: as campanhas eleitorais. A campanha é parte integrante de uma eleição, é seu primeiro ato. Não é apenas a manifestação das preocupações dos eleitores ou a explicação dos programas dos candidatos e dos temas dos partidos, é a entrada em operação de estratégias, a interação entre os cálculos dos políticos e os movimentos de opinião. (REMOND, 2003, p. 49)

A campanha eleitoral é fundamental para entendermos melhor as relações sociais que perpassam o processo eleitoral. Não há muitos registros da campanha eleitoral do ano de 1982, todavia o grande número de açudes, construídos no mandato de 1983-1988, indicam uma campanha voltada para o combate à seca, problema recorrente no cariri cearense. Os artifícios usados por Francisco Aristides para estabelecer relações com agricultores e pequenos proprietários de terra foram concretizados em 32 açudes reformados, ou construídos, além de 18 barragens, o que muito significava para essa população que havia enfrentado secas recentemente e o povo buscava por soluções para o problema da falta de água.

Para entendimento da questão usamos aqui a analogia feita por Pierre Bourdieu (2011, p14), quando diz: “Determinada piscina não é cristã, mas, na medida em que depende de um estabelecimento religioso subvencionado, pode assegurar um emprego a um cristão e vincular um cristão ao cristianismo...” Enfatiza, e nos faz pensar as trocas existentes dentro do campo político, que o impedem de ser autônomo, visto a necessidade do político de vincular-se a sociedade comum para manter sua existência.

As obras empreendidas durante a administração de Francisco Aristides Ferreira, na zona rural do município, são a garantia do fortalecimento do grupo político ao qual pertencia, uma forma de manter sua existência na política lavrense. As trocas de favores desse novo político são permeadas por relações pessoais, quando o político expande sua zona de poder ao não político, dividindo os privilégios que o poder propicia de maneira desigual. Agora na política lavrense, quando nenhum grupo político tinha angariado forças, se fazia necessário firmar relações com os eleitores e garantir a posterioridade de forma que seu nome pudesse estar gravado nas obras de seu mandato.

Acompanhando os estudos e escritos que se referem à política lavrense, pode-se compreender como a sociedade e os novos políticos, se relacionam a partir do voto, seguindo uma trilha de promessas vãs, podemos começar a entender onde Francisco Aristides encontra espaço para se colocar na política da cidade. Por isso precisamos entender melhor a cultura política que vigorava em Lavras da Mangabeira, no Ceará e no Brasil, entendendo até que

ponto o cenário nacional e estadual interferem na cidade. Desta maneira podemos entender melhor a polarização que se formava no Ceará, bem como em Lavras da Mangabeira, quando emergiam os novos políticos e as oligarquias perdiam o seu espaço e poder político, é nesse contexto que no próximo capítulo analisamos o início da vida política de Francisco Aristides.

CAPITULO 2 – A VIDA E AS ESCOLHAS DE FRANCISCO ARISTIDES DE HOMEM COMUM A POLÍTICO DE LAVRAS DE MANGABEIRA – CE

Para chegar até o paço municipal, Francisco Aristides passou por diversos lugares na sociedade, isto tem muito a dizer sobre quem ele foi e em quem ele se tornou, para entendermos melhor suas escolhas e seu comportamento social/político. Pretendemos neste capítulo apresentar alguns dados biográficos, de forma que possamos enxergar e compreender como Francisco Aristides, homem comum que em decorrência de suas escolhas pessoais se enveredou no campo político.

As questões envolvendo o estudo das biografias e trajetórias na história são diversas, mas a maior delas talvez esteja ligada a seguinte interrogação: “como a análise de uma vida pode contribuir para ampliar o conhecimento sobre determinado assunto no campo da história?” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015, v. 1, p. 169). Para entendermos melhor este gênero na historiografia precisamos ter em mente as mudanças metodológicas e conceituais no campo da história. As mudanças na ciência histórica no decorrer do século XX fizeram com que fosse repensada “a relação do homem com a história” (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015, v. 1, p. 169).

O gênero biográfico abriu diálogo com diversos campos da história, problematizando suas fronteiras e dialogando com outras ciências sociais, deixando de narrar à história dos grandes homens. Desconstruindo mitos e heróis da dita história tradicional, e reinterpretando as fontes. Os registros pessoais deixados por alguém, classificados atualmente como *escrita de si*, podem fazer com que o historiador se esqueça de que os documentos históricos não possuem nenhuma verdade, por outro lado, este tipo de arquivo permite uma análise bilateral:

O indivíduo, em seu círculo familiar, sua linguagem e seus problemas pode apresentar-se muito diferente se comparado aos registros desse mesmo indivíduo referentes a um círculo de amigos mais íntimos que por sua vez, difere-se de declarações oficiais publicadas em jornais. Cada um desses registros contribui de maneira significativa para compreensão da trajetória da vida do biografado. Não se pode esperar encontrar ao longo da pesquisa uma sequência coerente de acontecimentos e posturas semelhantes em todos os âmbitos, do lar ao trabalho. Essas fontes devem ser contrastadas e exploradas de modo a compor as múltiplas dimensões do indivíduo para que não se caia na armadilha da *ilusão biográfica*, ou seja, aceitar o princípio que supõe a existência de um “eu” que segue uma trajetória linear e coerente, acreditando que determinadas fontes são realmente capazes de traduzir o que *realmente aconteceu*, como se fosse viável recuperar uma suposta *verdade*.(OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2015, p. 171)

As análises devem manter a crítica, cabe ao historiador perceber contradições e os traços humanos do personagem estudado, bem como a interferência de aspectos sociais em sua vida, suas escolhas, estes cuidados evitam os misticismos e as interpretações equivocadas do indivíduo enquanto ser autônomo, fora do contexto histórico social do seu tempo.

O estudo biográfico, quando feito aos moldes da história, “precisa se pautar pelos procedimentos de pesquisa e pelas formas narrativas próprias a essa disciplina que se propõe a explicar e/ou a compreender o passado.” (SCHMIDT, 2012, p. 195). Rejane Gonçalves, autora que escreveu o livro “Lavras da Mangabeira: um marco histórico”, com uma breve biografia de todos os políticos lavrenses, até o ano de 2004, cai em uma armadilha, à obra sem questionamentos possui uma narrativa linear da história política da cidade, com uma reprodução de suas fontes. O trabalho da autora caracteriza-se por ser uma narrativa descritiva, acrítica, evidenciando apenas o resultado das eleições.

Por isso, quando falou de Francisco Aristides, contribuiu muito pouco para a história local, com uma série de pequenos textos que narram os eleitos nas disputas eleitorais e elenca as obras de suas administrações, isto é, a construção de uma escola, de um prédio municipal, entre outras construções durante seus mandatos como prefeito. Sem problematizar os acontecimentos e seus meandros, a autora limita sua obra em explicar a descendência destes políticos, esquecendo-se das minúcias sociais que os acontecimentos possuem, ou seja, das tramas visíveis e invisíveis do poder.

2.1 O PODER QUE O POLÍTICO TEM: O POLÍTICO, O NÃO POLÍTICO E O PODER

As mudanças na ciência histórica afetaram a história política e trouxeram novas abordagens para este campo histórico. Junto com a Escola dos Annales veio o descrédito da chamada velha história política, posta como um risco para os historiadores. “O prestígio inigualável da história dos grandes monarcas, não foi roubado pelas revoluções, mas transformou-a em história política do estado e da nação” (RÉMOND. 2003, p. 15).

A Escola dos Annales considerava as estruturas duráveis, valorizando os comportamentos coletivos e menosprezando os indivíduos. Foi então que a história política foi nivelada a história factual e tradicional, que apenas narra os acontecimentos superficialmente. De fato a história política não conseguiu acompanhar as mudanças no campo histórico e ficou estagnada em suas narrativas lineares. O período entre a década de 1930 e 1970 guardou para a história política o descrédito dos historiadores.

René Rémond (2003, p. 29) coloca então que: “Ora o mesmo movimento que leva a história, o mesmo que acarretou o declínio da história do político, hoje a traz de volta essa história ao primeiro plano.”, a constante renovação da história trouxe para o patamar científico a história política, que com a terceira geração dos anales sofreu finalmente sua renovação. A aproximação com a ciência política, sociologia, antropologia e a linguística, fez a nova história política. Com estes novos contatos foram postos como interesse o poder político fora das instituições políticas, os movimentos sociais, as eleições, a problemática tornou-se parte da análise.

“Com destaque para o campo de estudos denominado de cultura política” (GUEDES, 2012, p. 36), a nova história política pretende então explicar o político pela sua subjetividade, suas escolhas, sua formação social e maneira de ver o mundo. As representações e as relações de poder ficam cada vez mais evidentes. Resultado da influência da antropologia que pretende entender como o indivíduo entende e experimenta a política.

O destaque vai também para o poder político, que segundo Guedes com: “a abordagem antropológica, atualmente, destaca as relações de poder não apenas no espaço, mas também no tempo.” (GUEDES, 2012, p.39), que por sua vez estão em constantes transformações, são as mudanças de posturas de acordo com tempo e espaço. Neste trabalho vamos perceber estas mudanças que aconteciam no relacionamento de Francisco Aristides com o povo, de acordo com as mudanças sociais e temporais.

No microcosmo político existem diversos momentos, que determinam qual sujeito estará atuando sobre o outro. Na maior parte do tempo o político age sobre o não político, o segundo não percebe a ação do primeiro, é o que Pierre Bourdieu chamou de poder simbólico,

Os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnosiológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama de conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. (BOURDIEU, 1989, p. 9)

É isso que o político faz em sua campanha, ou durante seu mandato, convence de que as causas do não político são as suas, deixando em segundo plano seus ideais pessoais de ascensão na hierarquia social, sendo aquele que detém a autoridade. Normalmente não há uma consciência por parte do não político sobre o lugar privilegiado do político, mas uma naturalização do poder exercido.

O poder político, age diretamente na sociedade, principalmente nas pequenas cidades, onde este determina o contexto econômico da sociedade. Os empregos gerados pelos órgãos municipais a exemplo da prefeitura, suas secretarias e demais instâncias de poder e prestação de serviços, são instrumentos de poder, que legitimam a dominação da classe política, sobre o não político. Não existiria poder sem estes mecanismos de troca, sem que o político e o não político estejam sujeitos a este tipo de relações, a reciprocidade do poder.

O poder político, no entanto, possui prazo de validade e o não político pode escolher sujeitar-se as relações de troca novamente, buscar novas relações de poder, ou exercer o seu poder eleitoral a partir de uma escolha própria. Tudo vai depender da reciprocidade do político com seus eleitores. Tais relações não implicam documentos, fundamentação jurídica, mas possibilidades baseadas apenas na troca de poder.

Alheia aos mecanismos de trocas, a sociedade perde muitas vezes o potencial de negociar, esquece-se do poder coletivo que detém, quando cada indivíduo negocia sozinho, uma demanda que não é social, mas pessoal. “A domesticação” da sociedade, como coloca Bourdieu, gera vários conflitos dentro dos grupos sociais, quando cada indivíduo, ou grupo, busca interesses pessoais, deixa de lado o pensamento político e abre mão do poder que têm sobre o político, para que este tenha poder sobre si e assim sobre os demais.

2.2 A VIDA E AS ESCOLHAS DE UM HOMEM: MEMÓRIAS DE UMA VIDA POLÍTICA

Predestinação, vocação, ou dom, podem ser termos atraentes, mas não cabem na história, principalmente quando nos enveredamos para o estudo do campo da política do poder. As pessoas podem até usá-los em suas falas, quando tentam de alguma maneira enaltecer “vultos históricos”. Francisco Aristides é uma dessas pessoas, que de alguma forma tem sua vida ligada a uma predestinação, vocação, ou dom, para a política. É muito comum que você escute pelas ruas de Lavras da Mangabeira afirmativas como está: “Chico Aristides tinha um dom, já nasceu com a vocação para prefeito. Lavras não vai ter outro como ele”.

Do ponto de vista de um olhar interpretativo, não precisamos de muito para saber que Francisco Aristides não tinha um dom, que ele com certeza não nasceu biologicamente, ou cognitivamente, preparado para ser prefeito, todavia podemos considerar que jamais haverá outro como ele na cidade, afinal estamos falando de uma pessoa que existiu em determinado tempo e espaço. Ou seja, mesmo que construíssemos uma máquina do tempo e o trouxéssemos para o presente, ele não seria o mesmo. As estruturas sociais na cidade de

Lavras da Mangabeira nas décadas de 1970 e 1980, apresentadas no capítulo anterior, foram determinantes para que a vida deste homem fosse tal como foi, além de suas ambições que talvez não obtivessem êxito em outro contexto social.

Supõe-se que a vida de qualquer indivíduo tenha início em seu nascimento, afinal, nossa primeira sociedade é nossa família e com o passar do tempo o lugar onde crescemos. O lugar de onde veio Francisco Aristides, talvez justifique sua postura enquanto político. Nascido em uma pequena propriedade, na zona rural do distrito de Mangabeira, na cidade de Lavras da Mangabeira, sua vida parece ter sido simples. Filho do casal de agricultores José Aristides Ferreira e Maria Vicência da Conceição⁵. Sua infância é desconhecida, sem registros de como cresceu o lavrense, nascido em 28 de setembro de 1940. O primeiro registro de sua vida em Lavras da Mangabeira é seu histórico escolar no Colégio Agrícola de Lavras da Mangabeira⁶, onde cursou o técnico agrícola e teve oportunidade mais tarde, de cursar o técnico em veterinária na Escola Agro Técnica de Jundiá, no Rio Grande do Norte.

O Colégio Agrícola de Lavras da Mangabeira foi à primeira Escola Agrícola do Ceará, como outras instituições com este caráter de ensino, tinha como objetivo no processo de ensino aprendizagem formar trabalhadores agrícolas diplomados, mão de obra qualificada para os interesses da nação⁷. A escola chegou à cidade para formar os filhos dos agricultores, mas segundo Almeida (2016, p. 151): “apesar de a escola ser devotada a acolher os filhos de agricultores, isso não aconteceu em Lavras, pois, havia alunos que não residiam na zona rural e nem eram filhos de agricultores.”. O autor que trabalha as fontes orais, traz relatos de professoras da década de 1960, que enfatizam que os filhos dos agricultores eram a minoria na Escola. Francisco Aristides fez parte desta minoria que buscava o diploma do ensino técnico para fazer uma carreira.

A carreira acadêmica de Francisco Aristides não indica ausência de recursos financeiros, haja visto que a maioria dos filhos de agricultores da zona rural de Lavras da Mangabeira da época, mal aprendiam a ler e escrever. Suponhamos também, que talvez não tenha se deixado vencer pelas adversidades, não estaríamos sendo fiéis à história se não colocássemos às duas possibilidades, afinal, nossas fontes nem sempre responde nossas indagações.

Terminado o curso de técnico agrícola, integrado ao ensino médio, no Colégio Agrícola de Lavras da Mangabeira. Concluiu sua formação, em prática veterinária, no ano de

⁵ Fonte: livreto, Lavras: a história de um líder. Autora: Vilalva Macedo.

⁶ Atual Escola Estadual de Educação Profissional Professor Gustavo Augusto Lima. Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=436490&view=detalhes>

⁷ Lei Orgânica do Ensino Agrícola / Lei nº 9.613 de 1946.

1963, na Escola Agro Técnica de Jundiáí, em Macaíba, Rio Grande do Norte. Prestou concurso para o Banco do Nordeste, no estado do Ceará, e tornou-se funcionário da agência bancária de Lavras da Mangabeira, como técnico agrícola. Foi no sítio Aroeiras, lugar onde provavelmente nasceu e cresceu que Francisco Aristides iniciou sua vida pública participando das reuniões da associação rural. Instruindo os agricultores nos processos agrícolas e nos trâmites burocráticos que os mesmos enfrentavam para conseguir recursos para a atividade agrícola, um destes principais recursos era a água, essencial para sobrevivência dos animais e da plantação. Um bem caro para o povo nordestino e sertanejo. Atuando assim, profissionalmente teve seu primeiro contato com o povo e iniciou sua carreira política.

Os problemas enfrentados pelos agricultores eram conhecidos de Francisco Aristides, o conhecimento adquirido nas escolas agrícolas ajudava-o a lidar com as dificuldades, além disso, seu trabalho como fiscal agrícola do Banco do Nordeste lhe dava algum poder de negociação com grandes proprietários. O caminho a açudes, riachos, rios e poços, normalmente localizados em grandes propriedades, servia como moeda de troca com o voto. Francisco Aristides usava seu ofício para tal negociação, demonstrando sua capacidade de diálogo e negociação, características que chamava a atenção dos políticos. A verdade é que pouco se sabe sobre sua intenção ao manter este diálogo, ao se tornar porta-voz dos necessitados e dos poderosos. No entanto, essa relação pode ter tido grande importância em sua trajetória, com o estabelecimento de vínculos sociais mantidos pelo sentimento de gratidão.

A juventude e os anos de formação de Francisco Aristides acompanharam o crescimento da polarização na política no Brasil e no mundo, não temos evidências que indiquem algum posicionamento do líder lavrense. Não há como saber seu posicionamento a respeito do medo de que o comunismo soviético se instalasse em todo ocidente, tese usada nas deflagrações dos golpes na América Latina. A sucessão de golpes na América Latina não aparece na historiografia e na memória Lavrense. Seu posicionamento quanto ao golpe de 1964 é desconhecido, embora tenha se feito homem e pessoa política em tempos de vigência do domínio militar no governo brasileiro.

Francisco Aristides Ferreira é quase que, totalmente esquecido pela historiografia lavrense, não fosse pelas pequenas menções no livro: “Lavras da Mangabeira – Um marco histórico”. (GONÇALVES, 2004). Reproduzindo os dados TRE-CE quanto aos pleitos eleitorais nos anos de 1976 e 1982. O surgimento de Francisco Aristides Ferreira foi uma estratégia bem articulada do grupo ARENA II.

Como foi possível trazer para a política de predomínio de homens de bens e posses um homem simples como Francisco Aristides. Uma tentativa de aproximar do microcosmo da política, o não político. Francisco Aristides aparece nas eleições de 1976 como um homem que não fazia parte dos donos de terras, dos comerciantes e muito menos dos pequenos empresários, para que a população pudesse eleger alguém que os representassem. Surge, pois, como o “homem do povo”, aquele que mantém relações pessoais com o eleitorado, que em todo tempo afirmava a imagem do novo político, representando a modernidade e os novos ideais de ser político naquele momento no Ceará, entretanto, era apoiado pelo grupo partidário da tradicional oligarquia lavrense, talvez, esse tenha sido seu primeiro erro como político. Sem nenhuma história com a política da cidade, este seria o diferencial para a população, já que Francisco Aristides não mantinha influência econômica, apresentava-se como único capaz de resolver as mazelas do povo lavrense, pois, as conhecia enquanto tal.

Todavia, a estratégia falhou; o líder sindical, funcionário do banco do nordeste, não consegue a eleição, no pleito de 1976, provavelmente sua proximidade com a oligarquia contribuiu em sua derrota eleitoral. Todavia, permanecer e adentrar o campo político ultrapassando as barreiras e dificuldades da inserção no campo do poder político, no distrito de Mangabeira foi importante para que a rede de relações sociais de Francisco fosse estabelecida em outras comunidades. Seu êxito no próximo pleito eleitoral dependia disso.

Além do mais vencendo condições sociais adversas, consegue estabelecer relações de poder com vários grupos da sociedade. Não podemos olhar ingenuamente para Francisco Aristides Ferreira, apenas como modelo para campanha do grupo denominado ARENA II, ou explicarmos de forma simplista o início de sua vida política, atribuindo tal acontecimento a uma predestinação divina, como sujeito vocacionado para o político. Francisco Aristides soube aproveitar o espaço que lhe foi dado e iniciou sua vida pública, mantendo uma postura dupla, ao mesmo tempo, em que mantinha relações pessoais, de compadrio, se afirmava como representante da nova política, que crescia no Ceará.

As eleições de 1982 aparecem como auge para a política da mudança na cidade de Lavras da Mangabeira, movimento que tomou forma e espaço no governo do estado do Ceará nas eleições de 1986. Durante o processo de redemocratização, em 1982, os candidatos a prefeito em Lavras inauguravam novas legendas partidárias, organizando-se da seguinte maneira: ARENA I / PDS I, ARENA II / PDS II, ARENA III / PMDB. O PDS I representado pelos comerciantes e industriais, PDS II grupo liderado pela oligarquia local dos Augustos e PMDB liderado também por pequenos comerciantes.

Quando na tentativa de ludibriar o eleitor, os políticos mantinham um discurso em atenção a suas insatisfações. O que acontecia era que as promessas eleitorais, continuavam sendo apenas promessas e os eleitores, mudavam seus votos na tentativa de eleger um representante que atendesse suas demandas. Constatamos então a inexistência de reeleição de representantes do mesmo grupo desde que os augustos deixaram o poder. Indica a falta de compromisso dos políticos com o povo e suas demandas. Não bastava excluir a oligarquia, era preciso eleger um representante que tivesse um ideal para a cidade, um comprometimento com a sociedade.

Em Lavras da Mangabeira-CE, percebemos uma política permeada pela ideologia dos compadres, Francisco Aristides Ferreira mantém as relações de cordialidade, como se alto afirma como amigo do povo; era uma espécie de coronelismo que instituiu uma relação de domínio através da construção de açudes, poços, estradas e escolas. O político tenta se firmar no símbolo de bondade que tem como único objetivo as necessidades do povo.

A principal música de sua campanha eleitoral de 1982, deixa claro quando no início o cantor⁸ diz: “ai está os homens que gosta do pobre, ai está os homens que não viaja demais, que está com vocês todo dia, na pescaria, na cantoria, na vaquejada, no aniversário, em todo canto encontra ele, ele gosta desse lugar.”⁹ A construção da imagem de Francisco Aristides como amigo dos pobres é o forte de sua campanha. Outro aspecto importante da vida e da campanha eleitoral do ano de 1982, é que Francisco Aristides Ferreira, passa a ser Chico Aristides. Apelido que inspira intimidade e que logo se popularizou pela música de campanha. Enquanto seus opositores logravam para o título de doutor ao ingressar no microcosmo político, Francisco Aristides sabiamente buscava a aproximação do eleitorado ao se denominar Chico.

As escolhas do líder lavrense foram cuidadosamente pensadas, para que estivessem em acordo com o contexto social da cidade e com sua postura social. Talvez, este seja o motivo de Francisco Aristides ser aclamado popularmente durante tantos anos. Francisco Aristides não procurava a competitividade política o embate de igual para igual, pelo contrário, sua campanha tinha como alicerce a sua distinção em meio a seus adversários.

As eleições na década de 1980 foram um retrato dos arranjos políticos da década anterior. Quando os novos grupos políticos buscavam espaço na política local através do distanciamento das oligarquias. Francisco Aristides foi mais além ao se declarar enquanto “novo político”, que era justamente o que a população daquele momento buscava.

⁸ Não há registros da identidade do cantor.

⁹ Composição do cantor pernambucano, Joãozinho do Exú.

O que o grupo PDS II não previu, liderado pela tradicional oligarquia da cidade e comerciantes do distrito de Mangabeira, foi que Francisco Aristides sairia independente daquele pleito eleitoral, e que já tinha condições com seus próprios mecanismos de manter a estabilidade na política. Daquela eleição emergia um líder político independente daqueles que lhes trouxeram a política. Francisco Aristides escolheu um grupo para privilegiar durante o seu mandato, e esse grupo eram os pequenos proprietários de terra e as comunidades rurais que se ligavam a cidade por estradas de terra. Talvez essa tenha sido uma escolha determinante no contexto histórico do momento para sua carreira política, como ressalta Schmidt, “a cada momento da vida, todo o indivíduo tem diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual faz escolhas no âmbito de um campo de possibilidades, esse, sim, historicamente determinado”. (SCHMIDT, 2012, p. 199).

Escolher o lado oposto aos poderosos donos de terra, comerciantes e empresários, em um momento financeiramente frágil para a cidade, assim como para todo o país, foi um risco certo na carreira do jovem político e técnico agrícola do Banco do Nordeste. Ele usou o que tinha naquele momento para favorecer os seus eleitores. A prefeitura possuía máquinas para escavação de açudes e poços, este era o anseio dos pequenos proprietários de terra, bem como das comunidades rurais que sofriam com a seca, assim ganharia o sentimento de gratidão dos eleitores bem como seus votos. Essa foi à marca do primeiro mandato de Francisco Aristides, que durou de 1983 à 1986.

Nas eleições de 15 de novembro de 1988, fora eleito o candidato¹⁰ que recebia apoio de Francisco Aristides, já que ele mesmo não podia lançar candidatura devido às determinações constitucionais. O ex-vereador Edmilson Gonsalves da Silva, eleito neste pleito, não manteve as redes sociais de Francisco Aristides, o que possivelmente contribuiu em sua derrota no pleito seguinte.

As eleições municipais de 1992 trazem novamente para a cena política a família Augusto. Gustavo Augusto Lima Bisneto entrou como vice-prefeito na chapa de Carlos Francisco Gonsalves: filho do ex-prefeito Francisco Leite de Macedo, que em 1976 elegeu-se prefeito como representante da nova política, fazendo oposição a família Augusto, todavia Francisco Leite de Macedo também vinha de uma descendência oligárquica da cidade de Aurora, onde a família Macedo, mantinha-se forte no poder. Agora os dois políticos uniam força para vencer as eleições daquele ano.

¹⁰ Fonte TRE: Edmilson Gonsalves da Silva.

Era um pleito difícil para Francisco Aristides Ferreira, que já havia perdido uma eleição para Francisco Leite de Macedo, buscou então forças advindas dos distritos, elegendo para vice-prefeito de sua chapa o senhor: José Alves Filho, natural do distrito de Ouro Branco e eleito vereador nos últimos 12 anos, em Lavras da Mangabeira. A chapa liderada por Francisco Aristides não se elegeu, mas sua rede de relações sociais havia sido ampliada, graças à influência de José Alves Filho, Francisco Aristides agora era conhecido nas dependências e nas regiões circunvizinhas do distrito de Ouro Branco.

Os acordos políticos de Francisco Aristides não eram firmados em reuniões, com licitações e secretários. Eram acordos informais, firmados em alpendres nos sítios, selados por sua palavra e por um aperto de mãos. Durante o tempo em que não foi prefeito, mantinha suas reuniões amigáveis e suas visitas de compadre, a vida social de Francisco Aristides era a mesma de sua carreira política, afinal a segunda dependia da primeira.

Em 1996, novamente Lavras da Mangabeira escolhia um prefeito para o paço municipal e lá estava Francisco Aristides Ferreira, trazendo como vice para sua chapa Edenilda Lopes de Oliveira Souza. A oposição era liderada por Gustavo Augusto Lima Bisneto e tinha como vice, o advogado, Rembrant de Matos Esmeraldo. Este embate eleitoral pode ser considerado o primeiro entre o velho e o novo na política lavrense. Francisco Aristides com sua nova rede de troca de benefícios trazia ainda outra inovação para o pleito que era ter como vice-prefeita uma mulher. Temos noção da importância da presença de Edenilda Souza para aquela eleição, a chapa de Francisco Aristides foi a vencedora com 9,193 votos. A proximidade com o presente nos remete as fontes que existem, mas que, todavia não estão disponíveis, entre estas estão os materiais e discursos de campanha do ano 1996.

Era o segundo mandato de Francisco Aristides e sua moeda de troca com seu eleitorado continuava sendo a escavação de açudes, poços e a recuperação de estradas. Outra característica do seu governo foi à construção de escolas na zona rural do município e a ampliação dos grupos escolares na sede e nos distritos. O que poder ser consequência da:

Herança da política educacional da ditadura militar. Mas não só, pois, na década de 90, especialmente desde os dois governos de Fernando Henrique Cardoso (PSDB, 1995-1998 e 1999-2002), com a adoção de medidas neoliberais no âmbito do capitalismo globalizado, a escola pública brasileira continuou se expandindo quantitativamente, mas a ineficiência do ensino tem sido constatada pelas avaliações de desempenho adotadas pelo Estado desde então. (BITTAR; BITTAR, 2012, p. 164.)

O momento da educação brasileira agregou para que fosse elaborada uma memória do Chico Aristides preocupado com a educação da zona rural, e não estamos dizendo que ele não era. Apenas relevando os condicionantes históricos e sociais para aquelas construções naquela administração. Indubitavelmente foram os anos onde mais se construiu escolas em Lavras, dado a ser explorado por Francisco Aristides nas próximas campanhas eleitorais.

No ano 2000, Francisco Aristides lança como tema principal de sua campanha mais uma composição de Joãozinho do Exú¹¹, que tem como título: “Chico Aristides no ano 2000”. O jingle fez sucesso na campanha, principalmente porque o horário de campanha era transmitido pela rádio local.

O povo pediu, ele ouviu, chico Aristides no ano 2000, o eleitor decidiu, chico é quem vai ficar . Pra ser prefeito de novo, Lavras não pode parar, Chico é um homem de respeito, é um bom prefeito, Só fez trabalhar, fez açude, fez estrada, Chico fez escola, é bom se lembrar! O povo pediu, ele ouviu, Chico Aristides no ano 2000. Vote no 41, Tasso Jereissati vai apoiar! Vote Chico pra prefeito, Josemar o vice, juntos vamos lá! (EXÚ, 2000).

Jingle tem um apelo emotivo ao sentimento de gratidão que o povo deve exercer ao político, haja visto, suas bem feitorias no município. Aqui lembramos o poder político estabelecido através das trocas e da reciprocidade do eleitor com o político e vice-versa, principalmente quando diz: “é bom se lembrar”, podemos perceber que mais importante do que lembrar o número para votação é lembrar as obras, visto que o número só aparece uma vez no decorrer da canção, enquanto que as demais estrofes se repetem.

Além disso, o Chico Aristides justifica sua candidatura pelo povo, ali esta para atender a vontade do povo. A presença de Tasso Jereissati no jingle representa o novo político, já que nesse momento no Ceará o jovem empresário representava a mudança. Outro nome que aparece no jingle é o de José Alves Filho, que assim como o Francisco que virou Chico, se torna Josemar. São os mecanismos de convencimento: mudanças e transformações que o político precisa para estabelecer elos de confiança com seus eleitores, a união de nomes com boa reputação fazem forças contra a nova oposição que emergia. São arranjos formados pelo grupo de Francisco Aristides diante dos “poderes simbólicos desiguais” (BOURDIEU. 2011, p.204).

Pela última vez, em 1.º de Outubro de 2000, Francisco Aristides elege-se prefeito. Um pleito eleitoral acirrado, que teve como principal opositora Edenilda Lopes de Oliveira Souza, sua vice-prefeita na eleição de 1996, que agora se identificava como a nova política em

¹¹ Cantor e compositor pernambucano, famoso no cariri cearense.

Lavras da Mangabeira. A mesma se elegeria a primeira prefeita em Lavras da Mangabeira, no ano de 2004.

Até aqui entendemos a dinâmica entre Francisco Aristides e seus eleitores, suas candidaturas e alianças com outros políticos. Como ele amplia suas redes de relações sociais a partir das derrotas eleitorais e consegue se firmar na política no fim da década de 1990. No próximo capítulo vamos entender melhor as relações de forças simbólicas que permearam as eleições de 2000 e como a nova oposição consegue o que Pierre Bourdieu chamou de: “poder simbólico é um poder que aquele que lhe esta sujeito dá aquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma *fides*, uma *auctoritas*, que ele lhe confia, ponde nele a sua confiança.” (BOURDIEU.1989, p.188). A partir das desigualdades do poder simbólico de Francisco Aristides e seus opositores, pretendemos entender o fim de sua carreira política.

CAPITULO 3 – FRANCISCO ARISTIDES UMA MEMÓRIA VIVA: O QUE SACRALIZA O POLÍTICO E RESSUSCITA SUA MEMÓRIA?

No presente capítulo vamos analisar os últimos anos de Francisco Aristides na política, de Lavras da Mangabeira-CE, o enfraquecimento de seu poder político e conseqüentemente o fim de sua trajetória política. Assim como problematizar sua herança política em meio a uma sociedade que nitidamente mantém sua memória viva, mas sem força eleitoral para os membros da sua família, ao mesmo tempo, em que a maioria dos políticos usa seu nome como referência e exemplo de bom prefeito. Para isso vamos analisar a documentação do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, (TRE/CE), também faremos uso de um livro da professora Vilalva Macedo, datado de 2002, cuja escrita traz uma breve narrativa da vida de Francisco Aristides, reafirmando suas origens sem linhagem política e tenta reelaborar a imagem do líder lavrense, diante do desgaste daquilo que chamamos novo político.

O livro que traz uma breve narrativa biográfica da vida de Francisco Aristides e de sua carreira política, na última parte do livro a autora faz um levantamento de todas as obras de Francisco Aristides no âmbito público e privado, ativando a memória do povo a cerca de seus feitos em seus mandatos enquanto prefeito e compadre do povo. Distribuído gratuitamente na época de seu lançamento, hoje é um exemplar pouco procurado na biblioteca municipal, segundo a bibliotecária municipal.

3.1 2004: O FIM DE UMA CARREIRA POLÍTICA

Como já dito, observamos a década de 1970, como início deste processo de transformação na cultura política lavrense¹², dado isso é importante destacarmos dois aspectos no processo social de transformação na política e na sociedade lavrense. O primeiro processo envolve a mudança no que diz respeito à ausência dos Augustos de maneira influente na administração lavrense. O segundo envolve a continuidade na mentalidade social da população que continua acreditando nas relações de cordialidade e compadrio. Como podemos perceber na primeira parte deste trabalho, estes fatores foram significativos para a carreira de Francisco Aristides, senão vejamos:

¹² Mesmo que saibamos que para quê acontecesse à eleição de um político opositor aos Augustos em 1970, vários acontecimentos sociais desencadearam este cenário, todavia a revoltante ausência de fontes de uma época recente nos impulsionou a esta escolha.

Apresentando-se em 1976 como representante do que chamava de a nova política, Francisco Aristides se mostrava contraditório por fazer parte do grupo político apoiado pela tradicional oligarquia lavrense, nos bastidores da política. Mesmo assim conseguiu dar um novo significado a cultura oligárquica existente na mentalidade social da população lavrense, que se negava a apoiar membros da família Augusto. Percebendo a rejeição da oligarquia tradicional na cidade, decide por lhes fazer oposição. Dessa maneira alcançou em 1982 seu primeiro êxito eleitoral durante o processo de transformação na cultura política da cidade. Para tal feito, manteve um mecanismo de convencimento e negociação social durante suas campanhas e administrações.

O último mandato de Francisco Aristides como prefeito de Lavras da Mangabeira, foi marcado pelo enfraquecimento de sua força política na cidade desde as campanhas eleitorais do ano 2000. Os números do pleito eleitoral daquele ano evidenciam o surgimento e fortalecimento de uma oposição ao líder:

Quadro 3 – Contagem dos votos válidos na eleição de 2000

PARTIDO / COLIGAÇÃO	VOTOS
PPB/ PTB/ PSD/ PCdoB/ PSB	5.903
PMDB / PDT	5.519
PSDB	3.982
PPS / PHS	336
TOTAL	15.740

FONTE: TRE/CE

Como podemos ver no pleito de 2000, foram 384 votos à frente da candidata Edenilda Lopes de Oliveira Souza (PMDB/PDT), a nova oposição conhecia bem os mecanismos de campanha e convencimento social, usados por Francisco Aristides, assim como conhecia seus pontos fracos. Afinal havia sido sua vice-prefeita no pleito de 1996.

Entretanto, a perda de eleitores de Francisco Aristides não se deve apenas a candidatura da vice-prefeita de seu último mandato, mas a outros fatores. No pleito eleitoral do ano 2000, Francisco Aristides já não era mais sinônimo do novo e buscava o título de “líder diferente”, não logrou sucesso diante da candidata do PMDB. Apenas se diferenciar das

oligarquias como nos anos anteriores já não era suficiente. Ao mesmo tempo, em que o eleitorado da cidade mudava e os eleitores do passado já não eram os mesmos.

A força política de Edenilda Souza, não vinha apenas do cargo de vice-prefeita que ocupou por quatro anos. A eleição em 1998, do seu irmão Eunício Lopes de Oliveira (PMDB) ao cargo de deputado federal impulsionava sua campanha na cidade. Ainda assim, Edenilda pode ser colocada como representante da nova política, ou do novo na política naquele momento já que: era a primeira vez que uma mulher se candidatava ao cargo de prefeita na cidade, além dos vínculos partidários e acordos políticos que carregava. Em especial o vínculo sanguíneo com o representante do poder legislativo federal do Brasil. Diferente de Francisco Aristides, Edenilda Souza fazia uma campanha baseada na propaganda eleitoral, no *marketing* e na organização de grandes comícios. Não buscou uma rede social de troca de privilégios, ou um patamar de igualdade com os eleitores, mas investiu no discurso da capacidade de governar através da influência do irmão no legislativo.

Depois do pleito difícil e vitorioso do ano 2000, a campanha contra Francisco Aristides parece ter continuado. Possivelmente a pequena diferença inquietava suas ambições na eleição de um sucessor no próximo pleito, que ocorreria em 2004. Eis que temos em 2002, encomendado pelo atual prefeito da cidade, a obra que mencionamos anteriormente, ou seja, o livro escrito por encomenda pela professora Vilalva Macedo¹³ cujo título “Lavras: a história de um líder” bem caracteriza sua intensão. Uma professora com certa notoriedade na sociedade desse período. Em uma cidade do porte de Lavras nitidamente se via que o intuito da encomenda era que a escritora trabalhasse na construção e defesa da imagem do gestor, já que este vinha sendo acusado de arrogante e autoritário pela nova oposição emergente. Vejamos algumas passagens da obra:

Pelos seus pronunciamentos, sempre num tom excessivamente afirmativo, levariam alguns, a indaga-lo como arrogante e autoritário. Chico Aristides como é mais conhecido, pode ser arrogante para os poderosos (e o foi em determinadas situações) e autoritário para os pernósticos e aproveitadores, mas é cordial e paciente para os pobres. (MACEDO, 2002, p. 04)

A autora recorre à imagem de bom compadre construída ao longo de sua trajetória quando diz: Chico Aristides, como para lembrar o eleitor que conhece Chico Aristides, que já o recebeu em sua casa, que não deve acreditar nos discursos da oposição. Sua postura enquanto líder diferente é justificada neste livro informativo de 15 páginas.

¹³ Esposa do vereador com maior número de votos no pleito eleitoral de 1996.

Provavelmente Francisco Aristides sentia-se ameaçado diante do fortalecimento da oposição e buscava evidenciar a distância que os mesmos mantinham do povo. Além de tudo se sentia traído, usado, uma vez que sua principal opositora e concorrente havia entrado na política lavrense participando na condição de sua vice de chapa no pleito de 1996. Era, pois, natural considerar que esta esteve nessa condição de vice-prefeita, aproveitando-se do momento para fazer-se conhecer pelo eleitorado.

Uma leitura dos dados do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará (TRE/CE) para o pleito eleitoral nos levam a crer que a escolha de Edenilda Souza como vice, fora uma escolha pensada por Francisco Aristides para beneficiar sua candidatura, já que sua média de votos praticamente dobra nas eleições de 1996,

Quadro 4 – Pleitos eleitorais nos quais se elegeu Francisco Aristides

ELEIÇÕES MUNICIPAIS / ANO	FRANCISCO ARISTIDES / VOTOS
1982	5295
1996	9193
2000	5903

FONTE: TRE/CE

Possivelmente, o líder político do PSB já havia percebido o crescimento da oposição PMDBista e buscou unir forças com ela em 1996, para evitar uma possível derrota, já que o outro opositor naquele ano era: Gustavo Augusto Lima Bisneto, representante da oligarquia da cidade, a novidade era sua filiação ao PDT, enfrentar os dois adversários no pleito poderia engendrar uma derrota para Francisco Aristides.

O livro também tinha como objetivo frear o enfraquecimento da força política de Francisco Aristides, lembrando obras públicas realizadas durante seus mandatos enquanto prefeito. Ao mesmo tempo, a autora tenta difundir a imagem de “líder diferente”:

Como líder diferente, difere daquele tipo de político que ao galgar uma posição torna-se forte para os fracos e fraco para os fortes. Ele ao contrário é forte com os fortes e nunca teme o confronto com os poderosos, ou representantes de grupos econômicos e empresariais. Nunca guarda rancor de nenhum adversário. Mantém cordialidade com todos aqueles com quem

combate na lides políticas e eleitorais. Vive em harmonia com seu povo e consigo mesmo. (MACEDO, 2002, p. 05)

Baseada em algum momento de embate político entre situação e oposição, a autora tenta convencer o povo das qualidades de Francisco Aristides. Provavelmente a disputa de forças do então prefeito de Lavras, tinha a ver com as eleições gerais do ano de 2002, quando Eunício Oliveira (PMDB) concorreu ao cargo de deputado federal. É essencial que um líder político mantenha a harmonia com seus eleitores, assim como deve manter boas relações com os políticos de seu convívio, mais cedo, ou mais tarde eles podem tornar-se seus aliados. A instabilidade nas decisões no campo político exige do político as características usadas pela autora, para lá classificar como líder diferente, sendo que estas características são comuns daqueles que almejam manter-se no campo político.

A autora também usa a implantação de programas federais¹⁴ e estaduais¹⁵ para convencer o quão diferente era Francisco Aristides, de forma que se preocupava não apenas com os homens do campo, mas com toda população. O que nos parece é que a assistência destinada à zona rural já não era suficiente para mantê-lo no poder, e as obras na zona rural vinham tornando-se cada vez mais raras. As diversas maneiras com que a autora tenta justificar suas atitudes e difundir sua nova postura nos deixa à sensação que naquele momento não importa o que fizesse Francisco Aristides, a imagem de líder diferente não se propagaria.

A tentativa frustrada de reinvenção do líder lavrense, nos remete a uma das primeiras hipóteses de pesquisa deste trabalho, quando acreditávamos que a permanência de Francisco Aristides no poder e na memória, devia-se a capacidade de reinventar-se nos diferentes momentos da política lavrense. Contudo, nossa hipótese se desfaz quando olhamos para a longa duração dos acontecimentos históricos e percebemos que o líder fez parte do processo de perda de forças das oligarquias, ou do modo tradicional que agiam. Dessa forma suas articulações políticas só faziam sentido diante da mentalidade permeada pela cultura política oligárquica, de maneira que ao percebe-se diante de outra cultura política, com uma oposição diferente das que já havia enfrentado, não consegue espaço político suficiente para eleger seu candidato a prefeito, assim como não conseguiria mais se eleger.

A dimensão populacional em Lavras da Mangabeira do início dos anos 2000 era outra, quando comparada com a do início da década de 1980. A distância temporal entre a primeira eleição de Francisco Aristides e o seu segundo mandato como prefeito é de quase 20 anos.

¹⁴ A autora cita a criação do programa bolsa escola e do programa de saúde da família (PSF).

¹⁵ O programa magister também é citado. O programa foi uma implementação do governo do estado para sanar a carência de professores com área de atuação específica.

Neste espaço de tempo houve muitas mudanças na cidade e essas mudanças afetam o campo político. Os novos jeitos de fazer política com grandes eventos festivos, com estruturas de palco, luz e presença de artistas da mídia. Diferente das reuniões políticas onde os políticos subiam na carroceria de caminhões para falar, nas décadas de 1980 e 1990. A interferência de assessores e organizadores de campanha, também eram novidades nos pleitos eleitorais de 1996, 2000 e 2004, era a política moderna dos jovens empresários cearenses que chegava a cultura política lavrense, através do então deputado Eunício Oliveira (PMDB) e criava todo um espetáculo político.

Talvez um grande erro de sua curta carreira tenha sido não perceber as mudanças sociais que aconteciam ao longo de sua trajetória no âmbito municipal, estadual e nacional. Uma destas mudanças foi às siglas partidárias que no contexto da redemocratização, com a volta da pluralidade partidária, surgiam varias legendas. Diferente de sua primeira experiência eleitoral onde as siglas partidárias eram as mesmas para todos os candidatos, como podemos constatar nos capítulos anteriores.

Consideramos também as mudanças no eleitorado da cidade, podemos perceber quem eram os seus eleitores de outrora. Em sua maioria eram pequenos agricultores da zona rural da cidade, já que as principais obras dos seus mandatos estavam na zona rural do município e nos distritos, isso nos leva a considerar que a faixa etária de seus eleitores, na eleição de 1982, era acima dos 40, grupo com números de votos inferiores aos eleitores entre 18 e 35 anos, como se pode ver no quadro 5, abaixo:

Quadro 5 – Eleitores por faixa etária nas eleições de 2000

FAIXA ETÁRIA	TOTAL DE VOTOS
16	384
17	647
18 - 24	4.575
25 - 34	5.252
35 - 44	3.917
45 - 59	4.128
60 - 69	2.128

>=70	1.992
NÃO INF.	4

FONTE: TRE/CE

Assim é possível pensar que, provavelmente, a população mais jovem da cidade buscava algo novo para a administração local, além de estarem deslumbrados com os novos mecanismos da campanha política apresentada em 2000. Isso explicaria o número recorde de votos da chapa de Francisco Aristides e Edenilda Souza em 1996. E a pequena diferença entre os dois candidatos em 2000. Assim como a eleição de Edenilda Souza em 2004.

A legenda partidária de Francisco Aristides não parece ter interferido na sua primeira disputa eleitoral, consequência do bipartidarismo instituído pelo Ato Institucional n.º 2, de 1965, que mantinha em Lavras uma mesma legenda para todos os grupos políticos, como podemos constatar na primeira parte deste trabalho. Contudo, nesse outro momento de sua investida política a legenda partidária parece contribuir para o fim da sua carreira política. Primeiro, porque era outro momento da política brasileira e a emenda constitucional n.º 25, de 1985, já permitia a criação de novos partidos e, já haviam surgido várias siglas partidárias, uma destas eras o partido ao qual Francisco Aristides era filiado. O PSB, no final dos anos 90 e no ano 2000 era um partido pequeno no Ceará, sem grandes nomes no cenário estadual. A presença de uma oposição do PMDB, coligado aos outros partidos da esquerda que cresciam na política brasileira em todos os cenários e que encontrava apoio do grupo liderado pelos irmãos Ferreira Gomes.

É comum que vejamos o partidarismo nas eleições municipais “como meras organizações que visam a formalizar campanhas, seguindo a determinação legal de filiação partidária para a disputa de pleitos.” (CONCEIÇÃO, 2014, p. 9), mas em Lavras da Mangabeira, naquele momento a escolha partidária era determinante para o eleitorado, pelos motivos acima mencionados e pode parecer repetitivo, mas o peso de um representante do poder legislativo federal do Brasil, (PMDB), era demasiado. As filiações partidárias podiam determinar uma disputa eleitoral, não só podiam como acabaram determinando.

O que levou Francisco Aristides a manter sua legenda partidária com o PSB? Apegado aos seus ideais e princípios políticos, o líder lavrense escolheu sua legenda partidária. Ao longo deste trabalho podemos perceber o isolamento político do líder lavrense, sem uma base aliada fixa e forte. Mantinha alianças breves que duravam apenas um pleito eleitoral. Francisco Aristides possuía um eleitorado fiel, uma rede de troca de interesses que se estendia por toda cidade e o que percebemos é que para ele isso bastava, todavia esse recurso não é

suficiente para o político que almeja manter-se no poder. Afinal “o capital político de um agente político dependerá primeiramente do peso político de seu partido e do peso que a pessoa considerada tem dentro de seu partido. Nós não damos suficiente importância a essa noção extraordinária de investidura.” (BOURDIEU, 2011, p. 204).

Percebemos então que o ano de 2002 foi determinante para ascensão do grupo PMDBista em Lavras da Mangabeira, com a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a nomeação de Eunício Oliveira como Ministro das Comunicações, em 2004, o novo bloco de oposição do então prefeito Francisco Aristides, mantinha um grande capital político, eram “lutas simbólicas nas quais os adversários dispõem de armas desiguais, de capitais desiguais, de poderes simbólicos desiguais.” (BOURDIEU, 2011, p.204). Edenilda Souza elegeu-se prefeita em 2004, com um número considerável de votos, foram: 9,777. A candidata tinha como coligação os partidos: PMDB/ PDT/ PT/ PSDC/ PHS/ PMN/ PCdoB. O candidato apoiado por Francisco Aristides era: Carlos Francisco Gonçalves, filiado ao PSDB, com coligação com o PPS/ PTB.

3.2 O DESTINO DE UMA HERANÇA POLÍTICA

Podemos considerar que em 2004 terminava a trajetória política de Francisco Aristides. Manteve-se afastado da política nos últimos anos de sua vida e mantinha um apoio informal aos candidatos que lançavam candidatura em oposição a legenda PMDBista. Todavia, não participava de campanhas e continuou vivendo em Lavras, até ter sua saúde fragilizada. Francisco Aristides mudou-se para Fortaleza em 2009 para tratar-se de um acidente vascular cerebral. Faleceu em 24 de novembro de 2010, vítima de uma falência múltipla dos órgãos, em um hospital na capital cearense.

Como podemos perceber no primeiro capítulo deste trabalho, Francisco Aristides não vinha de uma família de políticos e ao que nos parece não fazia parte de suas ambições políticas à transição do poder aos membros de sua família. O influente político da pequena cidade, não lançou nenhum de seus filhos no pleito eleitoral de 2004 e deixou sua carreira política sem um herdeiro na prefeitura municipal. Seria Francisco Aristides um político que não vê o voto como herança familiar? Ou, seria a culpada disso, sua luta contra as oligarquias? Todavia o capital político construído por Francisco Aristides era deixado nas memórias do povo.

Pierre Bourdieu definiu: “o capital político é, portanto, uma espécie de capital de reputação, um capital simbólico ligado à maneira de ser conhecido.” (BOURDIEU, 2011, p.

204), Almejada por muitos, a herança de Chico Aristides, percebeba que já não existe Francisco, assim como o Ferreira ficou esquecido, pois, o capital simbólico deixado pelo líder lavrense estava ligado à identidade social que o mesmo construiu ao longo de sua vida. O capital político deixado por Chico Aristides é de valor imensurável, principalmente depois de sua morte. O legado de melhor prefeito que a cidade já teve é uma herança vacante. As tentativas de êxito eleitoral usando a memória de Chico Aristides são muitas depois de sua morte. Seja por seus filhos, seja por aqueles que foram seus aliados e até mesmo por seus opositores mais fortes. Paródias com os jingles das campanhas de Francisco Aristides, citações e a presença de seus filhos em campanhas, são alguns dos usos que os políticos lavrenses fazem da memória de Francisco Aristides.

Os ditos herdeiros de Chico Aristides não percebem que não basta evocar seu nome, usar suas frases, ou até mesmo ter o mesmo sobrenome que o líder lavrense, pois, o capital simbólico por ele deixado tinha a ver com um processo de mistificação. Construída a partir da “identificação do povo com a liderança.” (GANDIN, 2010, p. 10), a sacralização de Francisco Aristides perpassa pelo momento em que ele perde forças na política lavrense e desaparece da cena política, sem grandes escândalos, aceitando os “designios do destino”, assim como havia aceitado a “vocação para a política”. Propositamente, ou não, Chico Aristides consegue manter a imagem montou ao longo de sua trajetória: homem de linhagem pobre, vindo da zona rural, que “vinha do povo, para o povo”¹⁶.

Lucas Gandin, ao citar Lenharo, diz: “a mitificação do líder ocorre de forma mais evidente, rápida e intensa quando a sociedade enfrenta um momento de crise política e o Estado surge como o único agente capaz de controlar as forças antagônicas.” (GANDIN, 2010, p. 10), baseados nesta citação podemos dizer que a crise da seca foi determinante na criação do mito: Chico Aristides. Como podemos ver ao longo deste trabalho, as principais obras das gestões de Francisco Aristides, estavam ligadas ao combate à seca. Enquanto os grandes proprietários de terra mantinha a água como moeda de troca para o voto, o líder lavrense usava as máquinas da prefeitura municipal para escavar poços e açudes em pequenas propriedades. Francisco Aristides não acabou com a seca em Lavras, mas facilitou a vida de muitas pessoas.

Dos muitos papéis que viveu Francisco Aristides durante sua vida apenas um é conhecido: o de bom político. Bourdieu estava certo ao comparar o campo político com o campo religioso, pois, os processos de sacralização dos líderes políticos após a morte, são

¹⁶ MACEDO, 2002, p.4.

semelhantes ao que acontece com os líderes religiosos. Diferente dos santos cristãos, o político não precisa fazer milagre para que o povo o ponha no altar.

Há algumas semelhanças na vida de Francisco Aristides com personagens da literatura religiosa: a conversão de homem a político e o abandono da profissão para seguir esta carreira¹⁷; a mudança de nome de Francisco Aristides Ferreira para Chico Aristides depois de conseguir firmar seu nome na política;¹⁸ A sacralização de sua existência enquanto bom homem, líder dos pobres.¹⁹ Chico Aristides, tornou-se uma espécie de padroeiro dos políticos lavrenses, que intercede por eles àqueles que um dia lhe confiaram à força do voto. Entretanto, fica a dúvida: por quem ele intercede?

Contudo, percebemos que não ter deixado substitutos foi importante na criação desta memória “sagrada” sobre Chico Aristides. Provavelmente, ele gostaria de ter ajudado na eleição do candidato que apoiou em 2004, todavia não sabia que esta derrota e o afastamento da política o deixariam na memória dos lavrenses. Pois, ficaram seus mandatos e suas obras no imaginário popular, já que não houve um substituto que manchasse sua reputação, ou sua memória. Os silêncios ajudam a manter esta memória sagrada que o povo lavrense cultua e que é conveniente aos políticos, que com o povo ressuscita as obras e feitos de Chico Aristides sempre que dizem: “Lavras só teve um prefeito: Chico Aristides.”. Frase e situação que nos leva a pensar que: muitas coisas que ainda podemos investigar sobre essa herança e sua postura no campo político da cidade, quem sabe conversando com seus simpatizantes, ou não, possamos em outro momento dar continuidade na busca dessas questões.

¹⁷ Mateus, um dos discípulos de Jesus, que ao receber o chamado divino deixa o emprego de cobrador de impostos.

¹⁸ Pedro, discípulo de Jesus na literatura cristã, passa a ser conhecido como Simão após sua conversão em pescador de homens.

¹⁹ O que lembra o político Padre Cicero Romão Batista. Aclamado pelo povo uma vez que foi prefeito de Juazeiro do Norte.

CONCLUSÃO

Sabemos que sem fontes não há história, todavia a maioria dos teóricos não nos diz como conquistar as fontes, como chegar até os acervos particulares resguardados em armários com chaves, em mentes envelhecidas pelo tempo, ou em lugares que guardam devoção aos mortos e fidelidade à memória dos vivos. Quando está pesquisa foi pensada julgávamos que as fontes não seriam problemas, pois, elas existiriam e em perfeito estado. Entretanto, os acervos particulares resguardados por emoções, saudades e privacidade, foram os primeiros a serem descartados. Já que bem guardados do alcance de curiosos pesquisadores, também se descartou as fontes orais, mediante as dificuldades que alguns contatos apresentavam para não se lembrar do passado, dizendo-se ocupadas demais para conceder entrevistas, ou condicioná-las se prestando a responder apenas algumas perguntas selecionadas com antecedência; O silêncio fala isso é certo, e ele nos disse: que há algo de atípico na trajetória de Francisco Aristides Ferreira, pois, para resguarda sua divina memória é preciso evitar que se fale muito dela.

Assim o que nos foi possível utilizar como documentações para esse trabalho foram: os documentos do TRE/CE que registram os dados eleitorais, jingles de campanhas e um livro do recorte estudado. Conduziu-nos a uma leitura da história do líder político lavrense, a partir dos seguintes questionamentos: 1. O que levou Francisco Aristides a trilhar o caminho da política? 2. Francisco Aristides teve em sua vida estudantil, Alguma relação com o movimento estudantil? 3. Atuou de alguma forma em algum tipo de experiência como líder sindical? 4. Qual teria sido à base de sua formação enquanto estudante durante a ditadura militar? 5. Quais foram as suas experiências de vida quando jovem? Essas são algumas questões que surgiram ao longo deste trabalho e que ficam em aberto para discursões futuras. Poderíamos encontrar respostas para essas questões, pois, alguns dos convives de Francisco Aristides ainda vivem e são rastros vivos deste passado recente. No entanto, o mito criado no entorno da memória de Chico Aristides é como um objeto sagrado e as pessoas que conviveram com ele tem medo de macular sua memória.

O resguardo das fontes não nos tirou a inquietude de entender, mesmo que limitado, a trajetória do político com maior presença na política do presente, em Lavras da Mangabeira-Ce. Então usamos daquilo que estava a nossa disposição: um livro, achado na biblioteca municipal; um “CD” com dois jingles políticos, encontrado na gaveta de um ex-vereador, e a documentação do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, disponível na “internet”. Estas foram às fontes que com auxílio de algumas obras da historiografia lavrense, deram forma a este

trabalho. Mediante essa possibilidade documental aparentemente limitada buscamos o entendimento e logo vimos como falavam e contavam nas linhas e nas entrelinhas, traços do passado. Basta pensar no livro da professora Vilalva Macedo, aparentemente uma singela homenagem, mas por trás dar conta da força de uma ação política com o objetivo claro de reconstrução, ou reposicionamento da história do líder político através da ativação da memória.

Como primeiro trabalho aos abordar a temática de Francisco Aristides, alcançamos nosso objetivo maior que é abrir o tema a discussão no campo historiográfico. Dado que a memória acerca do tema tem interferências na sociedade do presente, onde alguns acontecimentos são desconhecidos, como a liderança de Francisco Aristides contra a frente oligárquica, ou sua coligação com Edenilda Souza em 1996. São dados simples, mas que a sociedade desconhece e que esperamos que através deste trabalho os conheçam, de forma que este trabalho possa cooperar no conhecimento histórico a respeito da cidade. Assim como esperamos que a partir do que aqui foi dito surjam novas questões, novos trabalhos e que o acesso resguardado das fontes seja aberto a outras pesquisas, a respeito deste tema.

Seguindo a perspectiva do que se convencionou chamar de a Nova História Política, um campo de saber que dialoga com várias disciplinas das ciências sociais. Assim, nos propomos a analisar o político como parte integrante do processo social, de maneira que através dos números pudéssemos entender o comportamento eleitoral, as escolhas do político a partir dos anseios da sociedade e do contexto histórico. Percebemos que a memória construída e difundida ao longo dos anos, de si e sobre si, muito tem a dizer sobre os comportamentos políticos do presente.

Este é um trabalho que tem uma “interface” com a história biográfica, por propor a partir da trajetória de um homem, entender importantes momentos da história política da cidade e do meio em que agiu. Aqui não propagamos a figura do herói político e não cultuamos sua divindade, mas tentamos entender como essa imagem foi construída a partir dos mecanismos de troca e das soluções de problemas em meio a crises que eram de ordem social e em meio a uma configuração política de gestão pública, próprias do seu tempo. Francisco Aristides agiu como pode e com o que tinha a sua disposição.

Assim, Para entender o contexto no qual emergiu Francisco Aristides no capítulo intitulado: A cronologia da história política: o surgimento de novos diálogos no campo da história foi preciso que pudéssemos entender as transformações no campo da história política e a partir daí analisarmos o contexto político na cidade de Lavras da Mangabeira no início dos anos 70. Usando da historiografia da cidade e do estado, para construir o cenário de

transformação na cultura política oligárquica, que se desenhava não só na cidade, mas em todo estado do Ceará. Não satisfeitos, precisávamos entender os mecanismos de poder no Brasil em meio à ditadura militar. Finalizamos então o primeiro capítulo deste trabalho: com uma análise das eleições nos anos de 1970, 1972 e 1976, podendo assim compreender o que cada grupo político defendia e as alianças que eram firmadas em cada pleito.

Dado o contexto de transformações sociais e políticas pelo qual passava a cidade naquele momento, iniciamos o segundo capítulo: A vida e as escolhas de Francisco Aristides de homem comum a político de Lavras de Mangabeira – CE, onde analisamos a trajetória de Francisco Aristides no início de sua carreira política, entendendo como foram construídas suas relações de poder na cidade e como ele conseguiu adentrar o campo político, a partir de uma rede de ligações com o povo. Propomos também análise da elaboração da imagem de “novo político” difundida em seu jingle mais conhecido.

No segundo capítulo tratamos da ascensão de Francisco Aristides enquanto líder identificando homem do seu tempo e lidando com o que lhes foi possibilitado pela sua formação escolar e pelo seu meio de atuação profissional. No terceiro capítulo: Uma memória viva: o que sacraliza o político e ressuscita sua memória? Analisamos o fim de sua carreira no pleito de 2004, a partir do surgimento de uma oposição com maior capital político. Ao mesmo tempo, em que se instalava outra cultura política na cidade e o eleitorado se renovava. Em seguida, vemos o fim da carreira política de Francisco Aristides seguida de sua morte.

Identificamos a sua presença simbólica na memória, o que nos fez discorrer então sobre a valorização do capital político de um líder após sua morte, que sem herdeiros se torna mito para o povo. Essas constatações não nos aquietaram, nos faz pensar que temos ainda condições de trabalhos futuros para responder questões que lançamos e observamos que não nos foi possível para esse momento, dentre elas a vontade de romper o silêncio do povo de Lavras da Mangabeira que tanto tem para contar sobre esse político.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Wagner De. Colégio Agrícola de Lavras da Mangabeira (1947 - 2008): elite rural, ingerência estrangeira e circulação de ideias pedagógicas para o progresso do Brasil e do Ceará, 2016, 272p. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23423>. Acesso em: 19 de jun. 2019.

BANDEIRA, Robson Torres. NETA, Maria Enésia da Silva. Vigilio x Tasso: o mudancismo no Ceará. **Ipece**. 2008; 1-9. Disponível em: http://www2.ipece.ce.gov.br/encontro/artigos_2008/33.pdf. Acesso em: 14 de jun. 2019.

BARBALHO, Alexandre. Os modernos e os tradicionais: cultura política no Ceará contemporâneo. **Revista estudos de sociologia**. Araraquara, v.12, n.22. 2007. p. 27-42. Disponível em: http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/3983/modernos_tradicionais_cultura_barbalho.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 de jun. 2020.

BARBALHO, Alexandre. Modernos e distintos: política cultura e distinção nos governos das mudanças (Ceará, 1987-1998). **Revista comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, v. 4, n. 10. Jul. 2007. p. 111-123. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/download/102/103>. Acesso em: 17 de ago. 2020.

BARREIRA, César. Os pactos na cena política cearense: passado e presente. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 40. 1996, p.31-49. Disponível: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/72070>. Acesso em: 17 de nov. 2020.

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: especialidades e abordagens**. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BITTAR, Marisa; BITTAR, Mariluce. História da educação no Brasil: a escola pública no processo de democratização da sociedade. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 34, n. 02, p. 157-168, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/download/17497/pdf/>. Acesso em: 17 de nov. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. O campo político. **Revista brasileira de ciência política**, n. 5, jan/jul. 2011, p. 193-216. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-33522011000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 17 de nov. 2020.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. 8ªed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

CARDOSO, Ciro Flamarion. MAUAD, Ana Maria. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). 5ª. **Domínios da História**. Rio de Janeiro: Rio Texto, 1997. p. 568-633.

GANDIN, Lucas. A Sacralização do Político. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul, RS, set. de 2010, p. 1-15.

GONÇALVES, Rejane Monteiro Augusto. Prefeitos municipais e vereadores (1947-2004). In: _____. **Lavras da Mangabeira: um marco histórico**. 2ª ed., Fortaleza: tipoprogresso, 2004, p.135-156.

GUEDES, Paulo Henrique Marques de Queiroz. A nova história do poder político e a cultura política. In: NETO, Faustino, Teatino Cavalcante; GUEDES, Paulo Henrique Marques de Queiroz; NETO, Martinho Guedes dos Santos; **Cultura e poder político: historiografia, imaginário social e representações da política na Paraíba republicana**. João Pessoa: editora universitária – UFPB, 2012. p.25-46.

KINZO, MARIA D’ALVA G. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. **São Paulo Perspec**, v. 15, n. 4, out/dez. 2001, p. 1-11. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88392001000400002&script=sci_arttext. Acesso: 14 de junho de 2019.

MACÊDO, Joaryvar. GONÇALVES, Rejane Monteiro Augusto. **Os Augustos: árvore genealógica**. Edição 2. ed. Editor Rio de Janeiro: ABC, 2009. 628p.

MACEDO, Dimas. **Lavrenses ilustres**. 3. ed. Fortaleza: Editora RDS, 2012.

MACEDO, Vilalva. **Lavras: a história de um líder**. Lavras da Mangabeira. 2002.

NETO, Martinho Guedes dos Santos. O poder e as mutações da política na Paraíba pós-1930. In: NETO, Faustino, Teatino Cavalcante; GUEDES, Paulo Henrique Marques de Queiroz; NETO, Martinho Guedes dos Santos; **Cultura e poder político: historiografia, imaginário social e representações da política na Paraíba republicana**. João Pessoa: editora universitária – UFPB, 2012. p.85-105.

NEVES, Joana. História local e construção da identidade social. **Revista Saeculum**, João Pessoa, p.13-27, jan/dez de 1997.

OLIVEIRA, Priscila Musquim Alcântara de. OLIVEIRA, Alexandre Luís de. Sedução e desafios da biografia na história. **Faces de Clio**, Rio Grande do Sul, n.1, vol.1, p.1-13, jan./jun de 2015.

REMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

QUEIROZ, Rachel de; HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Matriarcas do Ceará – D. Federalina de Lavras. **Papéis avulsos**, n. 24, 1990. Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais (CIEC/ECO/UFRJ). Disponível em:

<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/matriarcas-do-ceara-d-federalina-delavras/>.
Acesso em: 14 de jun. 2019.